

# Ameaças à universidade pública

## Pesquisa

### Cortes nos investimentos em ciência

Projetos podem ter suas atividades paralisadas por falta de recursos e de manutenção dos equipamentos. Especialistas temem que esse contingenciamento desestimule jovens a investir na carreira em pesquisa. **CadernoJU**

## Debate

### Caminho para a inovação

Reitores de universidades da América Latina e do Caribe reafirmam o quanto o ensino superior é fundamental para promover inovação tecnológica e social bem como para criar sociedades sustentáveis, inclusivas e diversas. **P3**

## Ideias

### Educação gratuita e cidadania

A professora Patrícia Marchand discute a educação como direito constitucional e caminho para a justiça social. Ao criticar a privatização do ensino, aponta para o papel da universidade pública como espaço de desenvolvimento e democratização. **P4**

## Entrevista

### Ensino superior regional em risco

Presidente da Associação Brasileira de Reitores de Universidades Estaduais e Municipais (Abruem), Aldo Nelson Bona, avalia a situação do ensino superior e a importância das instituições que representa. **P5**

## QUEERMUSEU

### Fechamento de exposição no Santander Cultural desafia liberdade artística

**P13**

## PÓS-GRADUAÇÃO

### Desafios intelectuais e pessoais no trabalho acadêmico

A oficina *Termine sua tese* dá apoio psicológico aos pós-graduandos. Sua meta é minimizar a ansiedade diante do desafio intelectual e da pressão que os estudantes sentem durante o desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Esse processo pretende oferecer aos estudantes instrumentalização para a carreira a partir da psicologia, já que boa parte das dificuldades está relacionada à produção de conhecimento e ao começo da vida adulta. **P6**

## Internacional

*Privatizações inconsistentes revelam falta de estratégia* **P10**

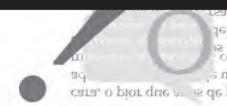
## Revolução Russa

*Livro trata dos paradoxos do socialismo soviético e sua derrocada* **P12**



FLAVIO DUTRA/JU/ARQUIVO 15/6/2005





## Espaço da Reitoria

Jane Tutikian  
Vice-Reitora  
Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos

# O salão que nos traduz

Mal terminou o Salão UFRGS 2016 e uma grande equipe começou a pensar no de 2017. Havia, sim, porque é o que nos move, a vontade de superação que tem ocorrido de edição em edição, mas havia também um olhar outro para a Universidade. De repente, toda a crise que se apresentava desde 2014 transformou-se num duro ataque ao princípio que a fundamenta: a autonomia. Resistência tornou-se palavra de ordem a aflorar entre estudantes, técnicos e professores, e resistir, numa grande Universidade como a nossa, é mostrar o que é, como é, é mostrar sua importância na produção do conhecimento, na resposta à sociedade, no desenvolvimento humano, social e econômico do estado e do país.

Traduzir em palavras o que é a Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi um grande desafio. Precisamos de três: múltipla, inovadora, inspiradora.

**Múltipla**, porque em sua natureza democrática, acolhe a diferença e orgulha-se de ser expressão da sociedade multicultural que nos caracteriza. Tanto é assim que neste ano

comemoramos nosso pioneirismo, os dez anos da reserva de vagas aprovada pelo Conselho Universitário, muito antes da lei de cotas, criada para reduzir a desigualdade social.

**Inovadora**, porque, respeitando a tradição, que também marca a academia, fomenta em sua pesquisa (e aqui se faz pesquisa de ponta), em suas orientações, oficinas, em seus laboratórios, incubadoras, na implantação do Zenit - Parque Científico e Tecnológico, e na interação com parceiros nacionais e internacionais, o conhecimento, o acesso ao mundo globalizado e à produção, essenciais para o desenvolvimento sustentável – ambiental, cultural, político, social e econômico – regional e nacional, contribuindo, fortemente, para o futuro.

**Inspiradora**, porque faz do humano e da vida o centro de sua preocupação e de sua capacidade criativa em todas as áreas de atuação, da arte à ciência. As três palavras juntas constituem o tema do Salão 2017. Elas são o que é a nossa Universidade.

Demonstrar isso foi o segundo desafio. Demonstrar como? De uma única forma,

revelando nosso dia a dia, aquilo que fazemos em todas as áreas do conhecimento, aquilo que nos coloca em posição de destaque nos rankings universitários nacionais e internacionais, através da grandeza dos salões e suas diversas atividades: o Salão de Ensino, o de Iniciação Científica, o de Extensão, o de Inovação, o Jovem, o EDUFRGS.

E, como uma Universidade não se faz apenas do presente e do futuro, como o passado, às vezes, é presente que volta, vamos iniciar discutindo o legado da Reforma de Córdoba (1918), feita por estudantes e suas bandeiras, como a prática democrática, a autonomia, o alcance social, a mudança de paradigma nas universidades latino-americanas.

Desafios vencidos, é esse o Salão UFRGS que a Universidade oferece a todos. A festa do conhecimento, da reflexão, dos encontros e dos debates, das manifestações culturais, da gente jovem, colorida e falante, que tomará conta do Câmpus do Vale de 16 a 20 de outubro.

Vem para o Salão 2017!



CONFERÊNCIAS  
UFRGS 2017

## DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA AMÉRICA LATINA

100 ANOS DA REFORMA DE CÓRDOBA



Programação e Inscrições:  
[ufrgs.br/cres2018ufrgs](http://ufrgs.br/cres2018ufrgs)  
[ufrgs.br/difusaocultural](http://ufrgs.br/difusaocultural)

## Carta aos leitores

A imagem de uma sala de aula vazia na capa desta edição dá o tom do momento em que vivemos: nos contextos brasileiro e mundial, muitos são os acirramentos, muitos têm sido os retrocessos e muito do debate tem ficado esvaziado de sua complexidade – esta frequentemente polarizada em relações maniqueístas. Ainda, a retração econômica pela qual passamos gera pessimismo e incerteza. No caso das Instituições Federais de Ensino Superior, essas contingências trazem muitas implicações, como restrições orçamentárias e questionamentos. O ambiente educacional deserto, então, é uma metáfora de uma possibilidade que se anuncia. Em razão disso, já preparávamos um *Caderno JU* para circular durante o Salão UFRGS – mas, infelizmente, sem um tom comemorativo.

No suplemento, a reportagem traz à luz os cortes de verbas destinadas a projetos e investigadores da Universidade por conta da diminuição dos recursos provenientes dos órgãos de fomento. Para ilustrar, cinco grupos de pesquisa mostram como se desenha essa realidade que tanto afeta o processo de produção de conhecimento e limita em grande medida o impacto social do ensino superior. Em contraponto, gestores do CNPq e da Finep avaliam essa situação.

Um fato do noticiário nos demandou um “parem as máquinas” na rotina produtiva: o parecer de órgão vinculado ao Ministério da Fazenda divulgado no dia 5 de setembro,

ao tratar da situação fiscal do estado do Rio de Janeiro, abriu espaço para o fechamento da UERJ e suas semelhantes naquela unidade da federação. Diante disso, deixamos de lado algumas das pautas nas quais trabalhamos e abrimos espaço para essa problemática. Trazemos, então, uma entrevista com o presidente da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (Abruem); um artigo de fundo sobre a educação superior mantida pelo Estado; e a cobertura do Encontro de Redes Universitárias da América Latina e do Caribe realizado na UFRGS. A universidade pública gratuita, inclusiva e de qualidade está na berlinda e o JU – veículo que pretende pensar a instituição universitária como um todo – precisou tomar posição. Num triste ciclo, vemo-nos diante de um contexto semelhante àquele que exigiu da primeira edição do Jornal, em setembro de 1997, uma capa com a manchete *Universidade pública está em xeque*.

Também o fechamento, por pressão de um grupo, da exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, que estava no Santander Cultural, em Porto Alegre, apresentou uma realidade preocupante: o campo artístico brasileiro foi atingido em algo que lhe é fundamental e lhe garante o funcionamento, a autonomia – ainda que esta seja sempre relativa. Trazemos, por isso, um relato e uma reflexão de um artista e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Artes

Visuais da UFRGS que participava da mostra com três obras. Isso não significa que não projetemos desdobramentos políticos, sociais, psicológicos e outros, mas o limite do espaço demanda escolhas.

O Jornal aborda as dificuldades emocionais dos pós-graduandos, as ligas acadêmicas da área da Saúde, uma plataforma que pretende levar atividades extracurriculares a escolas – que se bem é uma iniciativa louvável também aponta para discussões sobre o dever do Estado na educação –, os Brics e uma entrevista com o jornalista cubano Leonardo Padura – que trata da realidade de seu país natal. Esse conjunto de pautas, esperamos, oferece uma boa dimensão de outros aspectos desse ‘hoje’ que vivenciamos.

Neste mês, ainda, buscamos estreitar mais nossa relação com o público leitor: periodicamente realizamos uma reunião interna de avaliação; a partir de agora, inspirados nas experiências de ombudsman de jornais referenciais no mundo, tornamos público um relato analítico dessas conversas. Publicado em nossa página no Facebook, desejamos que abra espaço para mais interação.

A crença no fazer jornalístico nos anima e, por isso, seguimos comemorando os 20 anos do JU: lançamos, durante o Salão UFRGS, uma série de quatro postais com fotos e frases de entrevistados que marcaram essa trajetória.

Uma agradável e inquietante leitura.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 – Bairro Farroupilha, Porto Alegre – RS | CEP 90046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | [www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br)

**Reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Vice-reitor**  
Jane Fraga Tutikian  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
André Iribure Rodrigues  
**Vice-secretária de Comunicação Social**  
Édina Rocha

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497  
E-mail: [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

**Conselho Editorial**  
Alex Niche Teixeira, Ânia Chala, Angela Terezinha de Souza Wyse, Antônio Marcos Vieira Sanseverino, Carla Maria Dal Sasso Freitas, Cida Golin, Flávio Antônio de Souza Castro, Michèle Oberson de Souza, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer

**Editor** Everton Cardoso  
**Subeditora** Jacira Cabral da Silveira  
**Repórteres** Ânia Chala, Felipe Ewald, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein  
**Projeto gráfico** Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (Caderno JU)  
**Diagramação** Felipe Drenkmann Hackner  
**Editor de fotografia** Flávio Dutra  
**Revisão** Ana Santos  
**Bolsistas (Jornalismo)** Camila Souza, Cássia de Oliveira, Paula Barcellos e Vanessa Petuco  
**Circulação** Cristiane Lipp Heidrich  
**Impressão** Gráfica da UFRGS  
**Tiragem** 14 mil exemplares

O JU não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores em artigos assinados.

 [jornaldufrgs](http://jornaldufrgs)



# Redes universitárias reafirmam valor social da educação superior

Um espaço de diálogo e de fortalecimento do ensino superior latino-americano. Assim pode ser sintetizada a oitava edição do Encontro de Redes Universitárias e Conselhos de Reitores da América Latina e do Caribe, realizado entre os dias 28 e 29 de agosto na UFRGS. Promovido pelo Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e no Caribe (IESALC/UNESCO), o evento reuniu cerca de 90 organizações representantes de mais de 1.500 universidades das regiões para uma série de debates preparatórios à III Conferência Regional de Educação Superior (CRES 2018), que ocorre em junho do próximo ano em Córdoba, na Argentina.

**Inovação social** – Convidada para a conferência de abertura, Rosaura Ruiz Gutiérrez, professora da Universidad Autónoma de México (Unama), enfatizou os desafios para promover a inovação tecnológica em sintonia com a inovação social. Segundo ela, “é importante entender que todo ser humano pode inovar, pode melhorar suas relações familiares, profissionais ou com a comunidade em que vive. A inovação não deve estar centrada apenas nas empresas, que normalmente tendem a buscar sua própria melhoria econômica. Queremos que os indivíduos e as sociedades sejam capazes de pensar sobre o tipo de inovações de que necessitam”. Lembrando a situação de certas comunidades mais pobres do estado

mexicano de Chiapas, Rosaura questionou se alguma empresa já lhes havia perguntado o que precisavam. “Evidentemente que não! Porque o que esses grupos necessitam só eles sabem. Cabe às universidades encontrar maneiras de educar seus novos formandos, sejam médicos, engenheiros ou artistas, para que se preocupem com as necessidades da sociedade e das distintas comunidades, tomando em conta a interculturalidade. Existem populações originárias do México que querem viver melhor, querem ter acesso à saúde e à educação de qualidade, mas ao mesmo tempo desejam conservar sua cultura”. Na visão da professora, é necessário que as universidades se preocupem em formar seus novos egressos de forma a atender não somente aos interesses das empresas que precisam desenvolver-se para vender mais, mas também aos desejos e necessidades dos distintos grupos humanos que vivem na América Latina e no Caribe.

**Projeção internacional** – O secretário de Relações Internacionais da UFRGS, Nicolás Maillard, considerou que o encontro possibilitou aos participantes perceber a relevância que a temática da educação universitária assumiu em toda a América Latina. “Vários de nossos países estão em situações complexas e muitos reitores realmente têm uma intenção clara de defender a importância do ensino superior”, destacou. Para

o secretário, o encontro também permitiu mostrar a nossa universidade para 90 dirigentes de cerca de 30 países de toda a região. “Instituições que jamais teriam vindo a Porto Alegre vieram até aqui, aproveitaram a nossa infraestrutura e tiveram contato com nossos acadêmicos. Isso foi bastante significativo para a presença da Universidade no cenário internacional.”

**Declaração** – Ao final do evento, foi lançada a Declaração do VIII Encontro de Redes, documento que afirma o valor social da educação superior e a sua capacidade transformadora para alcançar sociedades sustentáveis, integradoras e diversas, que contribuam para a convivência democrática, a tolerância, a solidariedade e a cooperação, bem como para uma cidadania socialmente responsável. O texto também declara o compromisso social de todos para o desenvolvimento sustentável, reconhecendo a transformação social, a igualdade, a inclusão, a justiça social e o enraizamento da democracia como valores máximos da cidadania.

Na avaliação do reitor Rui Oppermann, o fato de a UFRGS ter sediado o encontro representa mais um passo na consolidação de uma política de internacionalização regional capaz de fazer da nossa universidade um centro de referência da região. “Temos parcerias históricas com várias universidades da América Latina, mas almejamos expandir nossa presença. E isso

nos dará projeção no cenário latino-americano, o que nos interessa porque queremos promover o intercâmbio com os principais centros universitários e de pesquisa sul-americanos e caribenhos”, ressaltou.

Conforme o reitor, um dos frutos da reunião foi a estruturação dos *enlaces*, encontros latino-americanos de educação superior, que se constituirão em espaços permanentes de discussão e que irão funcionar mesmo depois da CRES de Córdoba, o que oportunizará o acompanhamento dos resultados e diretrizes da Conferência Regional 2018. “A UFRGS estará nessa parceria, ao lado da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e do Grupo Montevideu, trabalhando para construir políticas e planos de ação exequíveis”, concluiu.

Além de intercambiar visões para o estabelecimento da agenda de conteúdos a ser debatida na CRES 2018, o conclave também ensejou a avaliação de mecanismos de articulação das redes para a mobilização e a formulação de estratégias que reflitam os compromissos de seus integrantes com o fortalecimento da educação superior regional. Entre os temas que foram discutidos, destacaram-se o sistema educativo, a diversidade cultural, a internacionalização e a integração regional, a pesquisa científica e tecnológica, bem como a inovação para o progresso humano e o desenvolvimento sustentável.



## CONHECENDO A UFRGS

### Obras e reflexões a partir da arte impressa

Os primeiros homens, quando marcaram as paredes das cavernas com suas mãos cheias de lama, descobriram um meio de impressão, abrindo caminho para uma das formas pioneiras de manifestação artística – atividade exemplificada na ampla gama de registros rupestres aos quais temos acesso hoje. Essa é uma das considerações de Helena Kanaan, coordenadora do Núcleo de Arte Impressa (NAI), com sede no Instituto de Artes da UFRGS que reúne estudantes, artistas e pesquisadores.

“Sempre partimos de uma matriz. Já a pintura e a escultura são diretas”, explica a professora. Isto é, gravuras são as figuras transferidas para algum suporte a partir de imagens inscritas em uma determinada superfície, a matriz; podem ser em madeira, metal ou tecido, por exemplo. Enquanto as outras expressões citadas geram obras únicas, uma das características da impressão é seu potencial de reprodutibilidade. Contudo, considera-se a própria matriz também uma peça de arte, como explica Carmen Sansone, estudante e componente do Núcleo.

Entre as ações propostas pelo projeto estão oficinas e a produção de obras. Quem fez minhas roupas?, por exemplo, foi uma caminhada artística associada à Fashion Revolution que discutiu a moda sustentável e a indústria têxtil. Já uma das atividades recentes é o workshop Corpo-estamparia: vestes e cenas, realizado em parceria com a atriz Elisa Lucas, que visa articular a interação entre a gravura estampada e o trabalho cênico, reunindo alunos e ex-alunos da UFRGS e a comunidade em geral.

Jaqueline Kunze e Pedro Nakamura,  
estudantes do 3º e do 2º  
de semestre de Jornalismo da  
UFRGS, respectivamente

*“Cabe às universidades encontrar maneiras de educar seus novos formandos, sejam médicos, engenheiros ou artistas, para que se preocupem com as necessidades da sociedade e das distintas comunidades, tomando em conta a interculturalidade.”*

Rosane Ruiz  
Gutierrez



A professora da Unama preferiu a conferência da abertura do encontro internacional

## Assista ao programa

O Conhecendo a UFRGS será exibido no dia 24 de outubro, às 23h, com reprise no dia 26 de outubro, às 18h e no dia 28 de outubro, às 13h, através da UNITV, canal 15 da NET PoA. A programação também pode ser acompanhada ao vivo pela internet, através do endereço [www.unitv.tv.br](http://www.unitv.tv.br)





# Na contramão da igualdade

\*Patrícia Souza Marchand

O direito à educação é um direito social, conforme a Constituição Federal. Os direitos sociais são aqueles que garantem a vida em sociedade a participação na riqueza coletiva, que permitem aos Estados democráticos reduzir as discrepâncias produzidas pelo capitalismo e assegurar um mínimo de bem-estar para todos. Essas prerrogativas devem ser garantidas por meio do Estado. Desse modo, sendo a educação um direito social, deverá ser indiscutivelmente alicerçada pelo Estado para que assim consigamos o desenvolvimento da sociedade e a diminuição das desigualdades.

Pensar em privatizar universidades públicas é inaceitável em um país de tamanhas desproporções. É elitizar cada vez mais o acesso à educação superior pública e de qualidade. É promover a continuidade de uma sociedade injusta e desigual. É reafirmar que o ensino superior deve ser destinado a uma classe privilegiada da sociedade. No momento atual, em que se implementa de forma brutal o Estado mínimo, reduzindo o investimento público em direitos sociais a qualquer custo, privatizar significa acabar com uma das poucas possibilidades de mobilidade social, de elevação do nível de escolaridade e de conhecimento da população.

Essa foi uma das recomendações da Subsecretaria de Relações Financeiras Intergovernamentais, órgão vinculado ao Tesouro Nacional, em relação ao acordo de recuperação fiscal do estado do Rio de Janeiro. Consta no parecer da Sub-

secretaria: “Extinção de mais empresas públicas e revisão do papel do Estado. Uma vez que a desestatização é uma prática essencial e eficiente não só para o equacionamento das contas públicas, mas também para o ganho de eficiência dos serviços ofertados à população e para a adequação do tamanho do Estado a sua capacidade financeira estrutural, essa categoria de medidas de ajuste poderia ser ampliada – passando a abranger, inclusive, a revisão da oferta de ensino superior”. Ou seja, fica evidente a intenção do governo federal de reduzir o papel do Estado e ampliar a atuação da iniciativa privada em diversos setores, incluindo o ensino superior.

Estabelecer a privatização é andar na contramão de todos os esforços realizados pelas universidades públicas nos últimos anos a fim de diminuir as desigualdades e incluir uma parte da população que teria muita dificuldade de ingressar no universo acadêmico sem políticas apropriadas. População esta que, no momento em que se estabelecer a privatização das universidades, será, em sua grande maioria, ceifada do acesso ao ensino superior público e de qualidade.

Acreditar na retórica proferida pelos defensores da cobrança de mensalidade nas universidades públicas – segundo a qual quem tem condições financeiras pagará pelo ensino e quem não tem poderá ter acesso a bolsas de estudos – é acreditar em uma falácia, na medida em que temos hoje uma política de ajuste fiscal que leva ao desmonte das instituições de ensino públicas de qualidade.

O ajuste fiscal em implementação leva a uma redução dos investimentos do Estado em uma área estratégica como a educação, impactando severamente a garantia do direito ao ensino público, gratuito e de qualidade. Certamente, o custo social de acabar com a gratuidade seria altíssimo em relação aos recursos a serem arrecadados, já que são essas instituições que garantem a produção de conhecimentos técnicos que contribuem para o crescimento do país. Assim, ficaríamos cada vez mais distantes das nações desenvolvidas.

Na lógica empregada atualmente, está subentendido que instituições públicas de ensino superior têm um “custo” elevado, que são morosas, caras e ineficientes. Mas são justamente elas as principais responsáveis pela produção de conhecimento no Brasil, ocupando assim, um espaço de destaque no desenvolvimento nacional.

Dessa maneira, proponho a seguinte reflexão: será a universidade que deve à sociedade ou a sociedade que deve à universidade? Quão valiosa é sua contribuição ao longo de nossa história para o progresso científico e social de nossa população? Por que pensar que recursos empregados na garantia de um direito social – como é a educação – representam um gasto, e não um investimento necessário e fundamental? Especialmente para um país que traz na sua Constituição a educação como direito social a ser garantido pelo Estado.

Se quisermos de fato democratizar a educação superior devemos, sim, investir na oferta pública deste nível de ensino, em políticas que permitam tanto o acesso como a permanência dos estudantes de

baixa renda na universidade pública, efetivando assim a educação como direito de todos. Tais garantias estão estabelecidas nos artigos 205 e 206 da Constituição Federal, que determinam como dois dos princípios para a educação brasileira a igualdade das condições de acesso e permanência na escola e a gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.

Diante disso, não podemos aceitar redução de recursos públicos, porque só assim é possível garantir a sobrevivência de uma universidade forte, democrática e de qualidade, à qual todos, sem qualquer tipo de discriminação, tenham acesso, e na qual todos consigam nela permanecer.

Para isso, são necessárias políticas públicas que consolidem a expansão do ensino superior público e de qualidade e que garantam recursos para o custeio proporcional a essa ampliação, que já vinha sendo alcançada nos últimos anos; medidas que permitam a permanência dos alunos na universidade, como ações afirmativas e de assistência estudantil, e que aumentem – ao invés de reduzir – as verbas para a pesquisa científica e tecnológica.

Sabemos que os desafios para a democratização do acesso à educação superior de qualidade, bem como da permanência na universidade, têm um longo caminho a ser percorrido, e, certamente, não será com redução de investimentos e com ações de encolhimento do papel do Estado que atingiremos esse objetivo.

\*Professora do Núcleo de Estudos de Política e Gestão da Educação da Faculdade de Educação da UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU



A educação pública gratuita é uma via importante de justiça e equidade social





# Ensino superior para o desenvolvimento regional

**Aldo Nelson Bona** *Presidente de entidade coletiva defende o papel das universidades públicas estaduais e municipais fora das capitais*

Jacira Cabral da Silveira

Um parecer da Subsecretaria de Relações Financeiras Intergovernamentais, vinculada ao Ministério da Fazenda, recomendou ao estado do Rio de Janeiro que revise a oferta do ensino superior, incluindo a demissão de servidores, caso o governo estadual não atinja o chamado “equilíbrio fiscal”. Para contribuir para a discussão sobre as consequências disso, o JU conversou com o presidente da Abruem (Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais) e reitor da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste, no Paraná) Aldo Nelson Bona. Na entrevista, ele avalia o impacto das medidas de austeridade sobre as universidades municipais e estaduais e faz um balanço do papel dessas instituições no desenvolvimento de suas regiões.

**Como a Abruem avalia os riscos que a UERJ vem correndo?**

A Abruem vê com grande preocupação a situação das universidades municipais e estaduais como um todo, mas de modo particular a situação do Rio de Janeiro. Fala-se muito na UERJ por ela ser a maior, mais conhecida e mais tradicional delas, mas encontram-se na mesma situação a UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense) e a UEZO (Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste). Sobre isso, a Abruem realizou uma reunião em julho dentro da UERJ para reforçarmos, simbolicamente, nosso apoio e manifestação para que os problemas dessa instituição sejam solucionados. O que mais nos preocupou à época foi que os atrasos salariais, que imaginávamos serem dirigidos ao funcionalismo em geral no Rio de Janeiro, estavam na verdade restritos a alguns setores. Entre eles estava o de ensino superior. Embora a questão salarial já tenha sido equacionada, o assunto veio à tona novamente com a divulgação do parecer que recomenda ao governo do Rio de Janeiro a revisão da oferta de educação superior. A revisão da oferta foi aconselhada. Não significa, necessariamente, a recomendação de fechamento das instituições, mas pode implicar uma redefinição do tamanho do sistema de acordo com o orçamento do estado. Isso é igualmente preocupante.

**Isso representa, em qualquer caso, uma perda?**

Exatamente. Eu não estou interpretando como uma recomendação de fechamento da UERJ. É uma recomendação da revisão de oferta de educação, que é de toda forma



COORDENADORIA DE DIVULGAÇÃO

**Reitor da Unicentro alerta para a possibilidade de encolhimento na oferta de ensino superior**

lamentável. Outros países demonstram que, em tempos de crise, o investimento nas áreas de ciência, tecnologia e educação como um todo foi uma alternativa encontrada para a superação da crise. Então, a recomendação é uma lástima, considerando a importância da educação para o desenvolvimento do país e, mais especificamente, para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro.

**Há também o discurso da privatização, os argumentos não se reforçam?**

Eu diria que o risco do reforço é muito grande. Pode até se dizer que a revisão foi feita no sentido de repensar a gratuidade, mas, de todo modo, não é uma ação que o estado possa fazer isoladamente, pois a gratuidade da educação pública é um preceito constitucional da União. Não há amparo legal para a cobrança de mensalidades, mas isso sinaliza um reforço dessa tendência de alguns segmentos de já discutir a questão da cobrança na educação pública.

**Qual é a importância das instituições públicas de ensino superior estaduais e municipais na composição do campo acadêmico?**

Elas são fundamentais, a começar pelo fato de que a grande maioria de nossas instituições está no interior dos estados. Nós temos, na Abruem, instituições associadas de 22 estados da federação, a grande

maioria delas fora das capitais das unidades da federação. Esses estados possuem instituições de ensino federais concentradas nas metrópoles, então a interiorização torna-se fator de grande relevância para o desenvolvimento do interior dos estados. Nós respondemos por aproximadamente 45% da oferta de vagas do ensino superior público no país, e em torno de 43% de toda a pesquisa desenvolvida no país, então o sistema estadual e municipal, se atacado, representará um grande prejuízo ao sistema nacional, pois responde por praticamente metade de todo o sistema público de ciência e tecnologia do país.

**Como as universidades públicas estão reagindo aos cortes de recursos?**

Na verdade, estamos sentindo as restrições orçamentárias e financeiras há muito tempo. A situação é diferente conforme o estado, e o caso mais emblemático foi o do Rio de Janeiro, não só pela agudização da crise, mas também pelo fato de a cidade do Rio de Janeiro centralizar meios de comunicação de massa, ser sede de grandes grupos de comunicação, como a Rede Globo, e de que tudo o que acontece lá vira notícia nacional. Além disso, nós tivemos casos de atrasos salariais expressivos, de mais de um mês, no Rio Grande do Norte e também na Paraíba. Reduções de recursos, principalmente os de custeio, limitam, e muito, a capacidade da

universidade de manter as condições de ensino, de pesquisa e de atendimento à comunidade. Isso vem se agravando ano a ano e agora ganhou contornos dramáticos com a crise política do país, que resultou em catástrofe econômica. Eu diria que a crise do país é muito mais de natureza política com reflexos na economia do que propriamente uma crise econômica.

**Qual é a avaliação da Abruem sobre o efeito das manifestações de apoio vistas nas redes sociais?**

Elas têm papel importante na defesa da instituição como patrimônio público. Quanto mais inserida estiver a universidade em sua comunidade, mais a comunidade atuará em defesa da universidade. E ela se fortalecerá em momentos de ataque como este que nós estamos vivendo. A defesa feita nas redes sociais e também nos movimentos de rua em frente à universidade têm um peso, pois entendemos que a política nacional se move muito em razão dos apelos e da pressão social. Na medida em que a instituição é defendida pela sociedade como um bem, como um patrimônio público que não pode ser atacado, a universidade se fortalece contra as possibilidades de maior sucateamento que sempre rondam nossas estruturas.

**A Abruem tem os números totais de alunos que estão inseridos no sistema de universidades públicas**

**estaduais e municipais?**

Nós temos aproximadamente 750 mil alunos. São 2.044 cursos de graduação ofertados e 1.756 cursos de mestrado e doutorado distribuídos em 45 instituições associadas, com mais de 40 mil professores, em 22 estados. Acre, Rondônia, Espírito Santo e Sergipe não possuem instituições estaduais. Esses estados perdem em possibilidade de desenvolvimento. A força produtiva da juventude busca sempre uma formação superior, e os números mostram que, entre os jovens que saem da sua região para estudar em outras regiões, o percentual que retorna não chega a 50%. Mais da metade acaba permanecendo nas regiões onde foi realizar sua formação, então tanto as cidades no interior dos estados onde não há universidades perdem muito com isso, como também perdem os estados que não contam com suas estruturas. A menos que seja como, por exemplo, no Rio Grande do Sul, que possui apenas uma estadual, mas dispõe de uma grande rede federal de educação superior que supre suas necessidades. Mas, no caso de Acre e Rondônia, que possuem somente uma instituição pública federal, a inexistência de um sistema estadual é um grande fator de comprometimento do desenvolvimento.

Colaborou Flávio Bonfiglio, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da UFRGS





# Perdendo a cabeça

**Formação** *Oficina Termine sua tese busca contribuir para que doutorandos enfrentem os desafios intelectuais e pessoais que o trabalho acadêmico implica*

Mais da metade dos doutorandos apresentam dois ou mais sintomas de estresse psicológico; 32% deles têm ou estão em risco de desenvolver um transtorno psiquiátrico comum, especialmente a depressão. É o que apontou a pesquisa *Work organization and mental health problems in PhD students* (“Organização do trabalho e problemas de saúde mental em estudantes de doutorado”), realizada com doutorandos da região de Flandres, na Bélgica. O estudo afirma ainda que, em comparação à população com alta escolaridade, esses pós-graduandos têm duas vezes mais riscos de desenvolver transtornos psiquiátricos. Os sentimentos e sintomas mais comuns mencionados pelos entrevistados foram: infelicidade, tensão e problemas de sono.

Os dados alarmantes são reflexo do aumento de doutores no mundo, que cresceu 56% em dez anos, elevando consequentemente a pressão em publicar, justificam os pesquisadores envolvidos no estudo.

**Oficina** – Sabendo que essa realidade é também encontrada no Brasil, a professora do Instituto de Psicologia da UFRGS, Lisiane Araújo, idealizou a oficina *Termine sua tese* em parceria com o Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE). Lisiane participou de uma oficina como essa no King’s College de Londres, quando era estudante de doutorado. A experiência serviu de inspiração para desenvolver algo parecido na Universidade. “A instrumentalização da carreira ainda é muito ausente. No processo da tese, não há um ensino formal onde você para a fim de pensar; ele é um processo lento e é construído com cada orientador e seu orientando artesanalmente, e a psicologia pode ajudar nessa questão”, justifica a docente.

A oficina, com duração de um dia, é um processo de instrumentalização para a carreira e reúne uma série de exercícios de reflexão e um material escrito que serve de guia: “Na primeira parte, procuramos identificar quais são as armadilhas cognitivas, emocionais, de comportamento que as pessoas vão se colocando ao longo desse processo. No final da manhã, começamos a dar dicas de como essas coisas poderiam ser ultrapassadas. À

tarde, fazemos exercícios e eu falo um pouco sobre o uso do tempo, cuidados consigo, com o seu ambiente, a família, os relacionamentos e a relação com o orientador”, explica Lisiane. A atividade é gratuita e oferece 50 vagas.

Embora já tenha recebido demanda de estudantes de mestrado, e mesmo reconhecendo que entre eles também ocorram problemas emocionais, Lisiane explica que a oficina foca o atendimento dos casos mais severos, que são os dos doutorandos. De acordo com ela, o doutorado é um desafio distinto de todas as etapas anteriores: “Para aqueles que seguem na carreira acadêmica, esse é o desafio final, é como para um atleta ir à Olimpíada”, afirma. Mesmo assim, ela salienta que existem outros canais que os mestrandos podem procurar: “O NAE pode fazer indicação ou encaminhar a outros setores da Universidade, como a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS”.

A Clínica oferece escuta psicanalítica e terapia individual. Além disso, realiza acompanhamento terapêutico, oficinas com diferentes grupos. “Quando a coisa aperta, a solução é procurar ajuda”, frisa Lisiane.

**Agravantes** – Lisiane diz que um dos principais fatores para o prejuízo da saúde mental de pós-graduandos é o início da vida adulta: “As pessoas vão se tornar independentes, morar sozinhas, cuidar do próprio dinheiro, da própria saúde. Alguns precisam cuidar de outras pessoas que dependem deles. É um novo momento, e esse é um estressor em si”. Isso acaba se adensando quando coincide com a pós-graduação, explica a professora. A depressão e a ansiedade, nesses casos, são os transtornos mentais mais comuns. “Às vezes, as pessoas se colocam em situações que não contribuem para sua saúde mental, como se alimentar e dormir mal por um período muito longo”, alerta.

Há também o desafio intelectual, acrescenta a professora: “Parte dos pós-graduandos acham que vão ganhar o prêmio Nobel com seu estudo e, até ajustar isso à realidade do processo de formação demora muito”, observa. Por outro lado, quando a família e os



FLÁVIO DUTRA/JU/ARQUIVO 29/02/2008

amigos não reconhecem que sua dedicação acadêmica é um trabalho, isso também pesa na saúde emocional do estudante. Muitos dos participantes da oficina compartilham uma frase que eles alegam estar cansados de ouvir: “Ah, mas você só estuda”. Então, o estudante de doutorado começa a repensar sua escolha, e isso não o ajuda a completar a pesquisa. “O próprio pós-graduando acaba incorporando esse pensamento quando se vê aos 30 anos, bolsista e sem carteira assinada”, avalia a professora.

**Sinais** – Quando Renata Contra, hoje doutora em Literatura Lusó-africana pela UFRGS, se viu isolada socialmente, em constantes conflitos de convivência, com agressões verbais às pessoas a sua volta e com o término de um

relacionamento, notou que algo estava muito errado. Professora de Literatura da rede pública estadual, um dia, em sala de aula, percebeu que já não gostava de estar ali, apesar de nunca ter se visto fazendo outra coisa além de lecionar.

O desafio de escrever uma tese, somado aos percalços enfrentados como professora estadual e a um processo cirúrgico durante a pós-graduação, resultaram em depressão e anemia. Segundo ela, o doutorado exigiu muito da sua estrutura emocional, devido ao fato de sua tese trabalhar com as narrativas de vida de duas senhoras. Foram quatro anos de escuta, criando um laço afetivo inevitável. Renata precisou parar a escrita de sua tese por um ano e buscar tratamento psiquiátrico.

“Muitas vezes pensei em desistir. O que me fez permanecer foi a responsabilidade com minhas narradoras. Suas histórias e o tempo dedicado a mim não podiam ficar no meio do caminho”, pondera. A doutora em Literatura admite não ter superado completamente suas adversidades, mas afirma ter aprendido a lidar com elas. “As pessoas que me amam e tiveram paciência comigo, as narradoras e minha família, foram fundamentais no processo. O fato de minha orientadora ser uma pessoa humana antes de profissional também foi o que fez com que eu pudesse terminar a tese”, frisa.

Cássia de Oliveira,  
estudante do 8.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS



# Complementos ao currículo

## Ligas acadêmicas Atividades dão espaço para o aprofundamento de temas de interesse dos alunos da Saúde

Felipe Ewald

Para preencher lacunas que encontram nos currículos de seus cursos ou mesmo para complementar conteúdos que não são explorados suficientemente no ensino, muitos estudantes da área da Saúde vêm se articulando em torno de projetos conhecidos como ligas acadêmicas. Não são um fenômeno recente: a primeira ocorrência no Brasil foi com a Liga de Combate à Sífilis, fundada na Universidade de São Paulo na década de 1920. Hoje, encontram-se em franca expansão.

Na Faculdade de Medicina (Famed) da UFRGS, elas já estavam presentes desde os anos 1990. Recentemente, porém, houve uma proliferação de novas ligas, o que gerou a demanda pela criação, em março deste ano, de uma instância representativa, a Comissão das Ligas Acadêmicas (Comali). Filipe Rodrigues Nascimento, estudante do 9.º semestre de Medicina e coordenador geral da comissão, explica que ela se originou de uma

reunião ocorrida por iniciativa do Centro Acadêmico Sarmiento Leite (CASL). Na ocasião, foi elaborado um relatório com as demandas das ligas, que estavam encontrando obstáculos para a realização de seus eventos, como a dificuldade para conseguir reserva de sala.

**Estrutura** – Apesar de não haver um modelo a seguir – cada grupo estabelece seu modo de funcionamento e seus critérios de seleção –, em geral as ligas têm uma programação anual que compreende palestras, discussões de artigos e sessões práticas voltadas aos ligantes – alunos selecionados para receber formação –, além de aulas e minicursos abertos a qualquer interessado. Filipe aponta que, na maioria delas, mesmo que seja um professor o responsável pelo projeto de extensão, o planejamento e a execução das atividades ficam concentrados nos discentes.

O que motiva os estudantes a participar da coordenação, além do visível entusiasmo que nutrem pela temática estudada pelos grupos, é a possibilidade de criar uma rede de contatos com colegas, professores e pesquisadores na área. Para os ligantes, há também o benefício de utilizar as horas de participação na liga como créditos complementares. João Victor Águas, aluno do 6.º semestre de Medicina e vice-coordenador da Comali, cita outras motivações para os participantes: “Por exemplo, um estudante que entra no curso já seguro de que quer ser pediatra, em princípio só tem contato com a área no nono semestre. Então, a Liga de Pediatria

proporciona um envolvimento com o assunto antes disso”.

**Abertura** – A proliferação das ligas vem sendo acompanhada por uma maior abertura a outros cursos da área da Saúde além da Medicina. Este ano, inclusive, ocorreu a fundação da Liga de Enfermagem, a primeira fora da Famed. A Liga Acadêmica de Saúde e Espiritualidade (Liase) é exemplo dessa ampliação. Ela surgiu em 2014 como Liga Acadêmica de Medicina e Espiritualidade e só recebeu o nome atual no ano seguinte. Hoje a coordenação geral está a cargo da estudante de Psicologia Kaena Garcia Henz, que começou a frequentar o grupo por interesse pessoal antes da mudança.

“Foi gritante a diferença quando houve a abertura às outras áreas da Saúde, porque a gente tem alguns estereótipos das outras profissões que se quebram quando entramos em contato. Eu, por exemplo, que sou da Psicologia, talvez apresente a eles conhecimentos aos quais não tinham acesso em seus cursos”, comenta. João Victor, que também participa da Liase, complementa que, nas aulas abertas, vinham mais pessoas de outras áreas da Saúde do que propriamente da Medicina, em especial da Enfermagem e da Psicologia. Ele e Kaena afirmam que a liga atende a uma demanda significativa dos alunos, já que os cursos não costumam desenvolver a temática da espiritualidade.

A Liase acolhe a inscrição de estudantes de qualquer universidade. “Inclusive, nos surpreende

que sejamos mais procurados por estudantes de outras universidades do que da UFRGS, ainda que divulguemos melhor aqui”, espanta-se Kaena. Nos eventos abertos ao público geral, é comum a participação de muitos profissionais já formados, a maioria em atuação no Hospital de Clínicas. “O profissional de Saúde precisa saber lidar com o tema da espiritualidade, até no sentido de facilitar a argumentação com o paciente, demonstrando respeito”, pontua a estudante.

Esses eventos, por vezes, acabam atraindo pessoas que confundem a liga com um grupo religioso e querem relatar experiências místicas. Então, é preciso retomar o propósito da Liase. “A gente estuda cientificamente um fenômeno cultural que está aí gritando. Um dos nossos focos é desmistificar a questão da espiritualidade. Tratamos com tópicos como o sentido de vida, a influência das crenças pessoais na adesão ao tratamento e no engajamento com o profissional da saúde. Durante o ano, estudamos diferentes abordagens teóricas e, no final, temos como objetivo colocar isso em prática. Então, os participantes da liga visitam pacientes para pensar como deve ocorrer a abordagem. De alguma forma, isso se relaciona com a concepção de cuidado humanizado, ou seja, enxergar o indivíduo de uma maneira integral, não só a doença”, esmiúça a coordenadora.

Na formação restrita aos ligantes, um tema bastante abordado é o *coping* religioso, ou seja, como a pessoa enfrenta a situação em que

se encontra: pessoas que estão em final de vida, por exemplo, tomam decisões com base em crenças religiosas. Alguns pacientes podem não aderir ao tratamento porque acham que estão sendo punidos por um deus, outros não querem tomar medicação porque acham que merecem o sofrimento. Já com os pacientes que não têm uma religião, a ênfase recai sobre o que faz sentido para eles e o que os motiva a aderir ao tratamento. “Na minha prática de estágio, já vi vários casos de pacientes sendo tratados de forma pejorativa por conta de sua religiosidade. No entanto, abordar a questão é uma forma de acessar o paciente, é uma demanda que ele traz. Se a gente desvia do assunto, o paciente repele o profissional”, observa Kaena.

**Entre profissões** – As chances de interação entre os profissionais da Saúde e a capacidade de mobilizar os conhecimentos para melhorar o cuidado a ser oferecido aos pacientes são tópicos presentes, que se condensam na noção de interprofissionalidade. “É preciso saber dialogar e interagir para encontrar uma solução a partir dos nossos conhecimentos. Não se trata de neutralizar a área do conhecimento, mas de potencializá-la”, explica a professora Ramona Tossi, regente da disciplina Práticas Integradas em Saúde I. Para ela, segue havendo dificuldade no preparo, durante a graduação, para o trabalho com as outras profissões. Quando o estudante se forma, não está preparado para atuar em uma equipe de saúde.



Evento na Faculdade de Medicina reuniu diferentes Ligas na divulgação de suas atividades





# Por uma educação diferente

FLÁVIO DUTRA/JU



Camila Porto e Gabriel Argenton cursaram matérias eletivas como ocultismo, estatística e produção textual no Colégio de Aplicação, onde estudam

## Educação O dilema do papel da sociedade frente ao dever do Estado na educação brasileira

“Eu gostaria de fazer uma oficina de teatro ou um jornal da escola, porque são atividades que nos incentivam a expressão e seria interessante que valessem como nota extra, ou como um complemento à área de linguagens”, comenta a estudante Beatriz Rocha, que está no 2.º ano do ensino médio na Escola Estadual Padre Reus, na zona sul de Porto Alegre. A vontade da Beatriz de sair das caixas das disciplinas tradicionais e aprender sobre assuntos diferentes é compartilhada por Carina Souza, estudante do ensino médio do Instituto Federal de Osório, próximo ao litoral gaúcho. Porém, em invés de teatro ou jornalismo, ela diz que gostaria de aulas que incentivassem o debate; na concepção dela, a cada semana os alunos elegeriam um assunto para estudar e discutir. “É importante para aprender a lidar com outros tipos de pessoas e opiniões, além de incentivar o pensamento crítico e a argumentação”, explica a estudante.

“Existe uma mudança cultural muito importante para se processar no Brasil, porque, apesar de constitucionalmente a educação ser uma obrigação do governo, da família e da sociedade, a sociedade brasileira acaba fazendo pouco nesse sentido”, avalia Cinthia Rodrigues, coordenadora do projeto *Quero na escola!*. Criada em 2015, com o slogan “A grade curricular da escola não pode atender a todos os seus interesses, mas o mundo pode”, a pla-

taforma funciona como ponte entre estudantes e voluntários. O interessado se cadastra no site e inscreve a aula que gostaria de ter em sua escola. O seu pedido fica salvo na plataforma, visível para qualquer um que acessar o site. Aqueles que tiverem interesse em dar aula também deverão realizar um cadastro. Na seção de pedidos, encontram-se os assuntos listados pelos alunos, bem como o nome da escola e sua localização. Após esse processo, o *Quero na escola!* entra em contato com a instituição de ensino e agenda a aula. Desde seu lançamento, já foram cerca de cinco mil pessoas atendidas em quase 100 escolas. Entre as solicitações estão aulas de astronomia, psicologia, teatro e política. No Rio Grande do Sul, ainda não foram realizadas atividades, apesar de estarem cadastrados pedidos de aulas de informática para a Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Genésio Pires, em Viamão, na Grande Porto Alegre, e de libras para a Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Duprat, na cidade de Rio Grande.

**Atuação da sociedade** – O projeto de extensão do curso de Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas UFRGSMUN Back in School (BIS) foi criado em 2008 também com o intuito de levar conhecimentos diferentes para estudantes secundaristas. Inspirado no Modelo das Nações Unidas da UFRGS (UFRGSMUN), o qual

realiza debates simulando reuniões da ONU entre estudantes de graduação, o BIS leva a atividade para escolas públicas de ensino médio de Porto Alegre e da Região Metropolitana. “Nós tentamos pegar assuntos da agenda internacional que tenham alguma relação com o vestibular e com o ENEM para serem esclarecidos, já que geralmente eles não têm uma aula específica de geopolítica”, explica a estudante do terceiro ano de Relações Internacionais Joana Lopes. Os comitês e temas deste ano vão desde o Conselho de Direitos Humanos, sobre a reformulação da Declaração Universal de Direitos Humanos, à Organização Mundial da Saúde, sobre saúde da mulher. “É muito legal ir para as escolas, dialogar com os alunos e ver como essa dinâmica diferente impacta nas turmas”, expõe Joana.

**Dever do Estado** – Segundo Maria Beatriz Luce, professora do Núcleo de Estudos de Política e Gestão da Educação e ex-secretária da Educação Básica do Ministério da Educação, essa demanda por aulas com conteúdos e dinâmicas diferentes é consequência de uma carência do modelo de ensino e da infraestrutura no Brasil. “Nós temos uma organização escolar muito rígida, com pouca consideração pelo desenvolvimento do aluno, seus interesses, suas experiências anteriores, suas potencialidades”, analisa. Para a professora, as limitações das

escolas brasileiras vão além da grade curricular. Isso é perceptível em dados como os do Censo Escolar de 2016: das 145.647 escolas públicas brasileiras, apenas 31% têm biblioteca; 43% disponibilizam laboratório de informática; 9%, laboratório de ciências; 32%, quadra de esportes. Como exemplo de uma política que auxiliava a educação nesse sentido, Maria Beatriz cita o programa *Mais Educação*. Ela avalia que essa iniciativa foi uma estratégia para dar mais diversidade de conteúdos e experiências às escolas, além de ampliar a jornada escolar. Entre as atividades fornecidas pelo programa estavam: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; educação em

direitos humanos; cultura, artes e educação patrimonial; cultura digital; saúde; comunicação e mídias; investigação em ciências da natureza; educação econômica. “As escolas recebiam verba e começavam a se preocupar em organizar uma sala de artes, um laboratório de informática, em comprar equipamentos de esporte”, relembra a ex-secretária. E opina: “O governo, ao propor a reforma do ensino médio e a PEC 241, retira os recursos, encolhe e desativa essas atividades, ao invés de colocar mais lenha na fogueira”.

Vanessa Petuco,  
estudante do 6.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS

## Ponto fora da curva

Gabriel Argenton, estudante do terceiro ano do Colégio de Aplicação da UFRGS, conta que pretende ser professor de História e que, por isso, se matriculou durante o ensino médio em disciplinas eletivas como Un viaje musical por América Latina, grandes guerras mundiais, pensamento crítico latino americano e a história não contada dos Estados Unidos. Além das disciplinas tradicionais, o Colégio de Aplicação tem matérias eletivas obrigatórias e facultativas como horta, ocultismo, estatística, feminismo, produção textual, teatro com línguas estrangeiras e customização. As eletivas facultativas, que são oferecidas aos estudantes interessados de todas as turmas e ao terceiro ano do ensino médio, têm foco no vestibular e no ENEM. Gabriel e sua colega Camilla Porto contam que no ano passado propuseram à direção do colégio a inclusão na grade curricular de uma disciplina em que pudessem conversar sobre problemas como depressão, ansiedade e hiperatividade. “Queríamos ter um espaço em que a gente pudesse trabalhar o autoconhecimento. Aprender o que está nos limitando para então quebrar essa barreira seria muito bom”, conta Gabriel. “Escola não é só para passar de ano, no ENEM e no vestibular. Ela é para nos formar como cidadãos”, diz Camilla.





# Relatos de Havana

**Leonardo Padura**  
*Escritor cubano continua em sua terra natal para permanecer fiel ao cotidiano de seu povo*

Jacira Cabral da Silveira

O romance de Leonardo Padura *O homem que amava os cachorros* (Boitempo Editorial, 2013), que conta a vida no exílio e o assassinato de Trótski, vendeu cerca de 75 mil exemplares no Brasil, ainda que a obra de Padura tenha se tornado mais amplamente conhecida no país nos últimos três anos. Sua tetralogia policial *Estações Havana*, protagonizada por Mário Conde, cujas investigações criminais contribuem para expor a realidade cubana, inspirou a série da Netflix, provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*, que atualmente conta com mais de 100 milhões de assinantes. Com experiência também em jornalismo, Padura cria obras que resultam de ampla pesquisa e longo tempo de maturação.

**O jornalista investigativo ajuda o trabalho do escritor?**

Comecei a escrever jornalismo e depois literatura, e hoje me acompanham as duas profissões. No jornalismo há espaços limitados e tudo isso implica uma escrita com hábitos diferentes. Ademais, a literatura tem um processo de reflexão que, muitas vezes, não temos a possibilidade de fazer no jornalismo, precisamos cumprir prazos. O jornalismo, para mim, é uma alternativa de expressão. Posso escrever, todas as semanas, uma crônica, um artigo ou uma reportagem,

e isso me permite abarcar uma quantidade de preocupações que depois me permitem a construção de minha novela, uma aproximação com a realidade, com a sociedade, com o que está acontecendo em um determinado momento.

**Livros como *O homem que amava os cachorros* e *Herege o senhor levou mais de cinco anos para escrevê-los*. Fazer literatura exige tempo?**

Cada história necessita não somente do tempo de criação, mas também do de amadurecimento. Há escritores que têm a habilidade de escrever muito rápido e com certa profundidade, o que não é o meu caso. Eu preciso voltar e voltar mais de uma vez, trabalhando para que o livro que termine seja o melhor livro que sou capaz de escrever. E, caso não seja o melhor, é porque não fui capaz de escrever algo melhor, não por falta de tempo ou dedicação. Pode parecer quase que grosseiro, mas é muito importante a segurança econômica para o escritor. Eu pude escrever e dedicar muitos anos de minha vida a escrever essas novelas porque meus livros anteriores haviam me permitido continuar fazendo literatura. Ademais, tenho um editor que me permitiu escrever com o tempo de que necessitava para fazer o melhor livro de que sou capaz. A literatura necessita de investigação histórica ou busca de informação, e essa informação, dependendo do caráter que tenha, pode ser que se encontre ou não em Cuba. Por exemplo, a maioria das informações para escrever *O homem que amava os cachorros* não estava em Cuba. Por isso viajava e regressava a Cuba com duas malas de livros. Tenho uma parte da minha biblioteca com *O homem que amava os cachorros* e outra com *Herege*. Há também a dificuldade para acessar a internet em Cuba. Tenho um grupo de amigos na Espanha, México e Estados Unidos que colaboram comigo buscando informações. Às vezes é complicado porque não se tem um acesso fácil à informação, mas isso também

faz parte da literatura, e quando se encontra o que se precisava é como se tivesse descoberto a América. Um amigo mexicano, que conheço há muitos anos, estava trabalhando para um escritório do governo e teve acesso aos documentos do russo Ramón Mercader, assinados por Trótsky. Ele copiou mais de 200 páginas de todos os documentos desse russo e enviou a Cuba e, quando vou revisá-los, vejo uma mancha de tinta e penso que deve ter sido uma loucura fotocopiar tudo aquilo. Mas meu amigo disse que me equivoquei, porque não eram manchas de tinta, mas sim as manchas de sangue de Trótsky, esses papéis estavam sobre a mesa de Trótsky e as manchas eram seu sangue.

**Qual o papel de Mário Conde na sua obra?**

É essencial para o meu trabalho, aparece em nove novelas e tem sido meus olhos para ver a realidade cubana e não somente a cubana, mas para falar de muitas coisas da vida. Nessa novela que acabo de terminar, por exemplo, há a reflexão importantíssima de Mário que tem a ver com o espaço de tempo físico e espiritual. Ele vai fazer 60 anos, assim como eu, refletindo sobre o que é chegar até a quarta idade. Alguma novela de Hemingway fala desse drama tremendo do escritor que chega ao ponto em que começa a ser incapaz de ser criativo, que foi o que passou a Hemingway nos anos finais de sua vida. Mário Conde me serve para qualquer reflexão que eu queira realizar com ele e, ademais, é uma representação muito útil e verossímil do espírito de minha geração em Cuba.

**Como foi começar a escrever nos anos 70 e seguir escrevendo durante os anos 80?**

Escrever é sempre difícil, o contexto naquela época era complicado, os espaços de liberdade eram muito reduzidos e creio que minha geração – poetas, dramaturgos, novelistas, contistas – foi abrindo espaços de expressão e reflexão ao longo dos anos 80, sobretudo, com uma visão diferente da literatura e da sociedade. Era uma época em que tudo que

escrevíamos estava, de alguma forma, sob suspeita. Nos anos em que trabalhei em jornalismo, numa revista cultural, me tiraram dessa revista e me mandaram a um jornal como castigo, e o castigo se converteu em um prêmio e pude fazer muito jornalismo. Foi um jornalismo de investigação histórica e foi importantíssimo para mim, porque me converteu em um jornalista reverenciado em Cuba. Isso foi útil para eu desenvolver minha capacidade como escritor, porque treinei muito a linguagem, estrutura e a criação de personagens, e quando pude voltar a escrever, já tinha um instrumental muito mais amplo do que tinha antes de trabalhar em jornalismo.

**Quem é o seu leitor em Cuba?**

Acredito que me leem aqueles que querem e os que não querem. Os que não querem tratam de que meus livros não circulem, os que me querem se desesperam porque nem sempre podem ter meus livros. Tenho um problema gravíssimo com isso, as minhas edições em Cuba são de três mil exemplares, quatro mil exemplares, então há uma grande quantidade de pessoas que não tem acesso aos livros e as pessoas vão me pedindo os livros emprestados. Cada vez que vou a Espanha, Estados Unidos ou Buenos Aires, pego todos os exemplares que posso e vou presenteando. Hoje mesmo estou com dois livros para quando regressar a Cuba. É muito agradável que o leitor se identifique com a minha literatura. Por exemplo, em *Homem que amava os cachorros*, muitas pessoas – por correio eletrônico, por telefone ou pessoalmente – me agradeciam por ter escrito esse livro, não só porque souberam de histórias que não conheciam, mas porque souberam de sua própria história que também não conheciam e isso é muito satisfatório para um escritor.

Colaborou Camila Souza, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da UFRGS



Padura gosta que suas obras tenham um tempo de maturação para que fiquem como deseja





# Privatizações na mira da China



ROBERT BAXTER/FLOKOR/04/2013

Venda de estatais brasileiras a investidores chineses exige atenção

## BRICS No âmbito do bloco de emergentes, governo brasileiro dá recado sobre privatização de estatais

Samantha Klein

Em meio a uma onda mundial de protecionismo e discursos antiglobalização, os líderes dos países emergentes que formam o BRICS – bloco que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – discursaram contra o fechamento de fronteiras na última reunião de cúpula. Em um contexto que incluiu a crise econômica dos países europeus, a saída do Reino Unido da União Europeia e a maior nação do mundo sendo comandada por Donald Trump, as políticas isolacionistas ganham espaço. “Devemos eliminar os impedimentos ao crescimento econômico mediante reformas, remoção de barreiras sistêmicas e institucionais”, disse o presidente chinês Xi Jinping em discurso de abertura do encontro.

Em outra frente, também com olhar para o exterior, o governo brasileiro lançou um programa cuja meta é a venda de estatais, tendo como foco principal a Eletrobras. A intenção de privatizar a empresa geradora e distribuidora de energia elétrica foi anunciada poucos dias antes da viagem do presidente Michel Temer para a China. O objetivo do Planalto é fazer caixa e ganhar apoio do setor empresarial. A medida é vista com cautela e ceticismo por analistas. Para eles, o grande problema está na falta de uma visão estratégica na realização do plano de privatizações.

Conforme o professor de Relações Internacionais da UFRGS

Paulo Visentini, o Brasil tem somente a China como possível investidora. “O país está abrindo uma série de setores para a iniciativa privada, mas não encontra muitos interessados. A Europa está em crise, o preço do petróleo está em baixa. Portanto, a nação que mais tem recursos para investir e tem uma política inteligente em investimentos é a China. Na Europa, por exemplo, quem mais investe na Grécia são os chineses. Eles têm uma política de não brigar com ninguém, portanto aportam recursos na Grécia, já que ela foi esquecida por todos. Na África, onde o Brasil abriu mão de uma política externa ativa, a China também está investindo”.

O coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS, André Reis da Silva, ressalta que os setores oferecidos pelo Brasil são de interesse dos chineses. “Eles negociam sobretudo o acesso a energia, alimento e matéria-prima. No setor elétrico, já têm investimentos em Belo Monte. Além disso, a eventual privatização da Eletrobras certamente será alvo de negociação pelos chineses.”

**Clube dos cinco** – No contexto de crise, questionamentos sobre a globalização e preocupação crescente com o terrorismo, os laços entre as cinco nações emergentes são fundamentais. O bloco, que não é econômico, mas um clube de associados com algumas questões em comum, se fortaleceu

durante a crise mundial. O termo BRICS, que foi cunhado em 2001 por economistas da Goldman Sachs, popularizou-se somente em 2009, após a crise financeira mundial do ano anterior. Com 43% da população do mundo e 25% da economia, de acordo com dados do Fundo Monetário Internacional, a agenda desses países encontrou convergências.

Apesar de alguns impasses pontuais entre os países do bloco, caso da Índia com a China em disputas territoriais, as eventuais desconfianças entre os parceiros não prejudicam o discurso comum por uma participação mais ativa na governança global, o que foi uma das conclusões em ata do encontro de cúpula que ocorreu no balneário de Xiamen, na China, no início de setembro. Essa, aliás, é a marca do BRICS. O clube busca a discussão de temas em que os integrantes não entrem em rota de colisão, segundo o professor André Reis da Silva. “Eles não falam de assuntos polêmicos entre si porque existem interesses regionais diferenciados. O que é consenso é a defesa da multipolaridade, a crítica ao unilateralismo dos Estados Unidos e a revisão no sistema de organizações internacionais como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial”, ressalta.

O enfrentamento ao G7 (grupo dos países mais industrializados do mundo) – de forma sutil, mas contundente – é o foco dos BRICS, em especial da China. Como o G7 representa o sistema de poder

mundial formado no pós-guerra com os acordos de Bretton Woods, os chineses buscam um lugar nesse sistema de forças. Atualmente, o ocidente pede que os países emergentes aportem mais dinheiro ao Banco Mundial, de acordo com o professor Paulo Visentini. “Os emergentes estariam dispostos se ganhassem poder de decisão sobre políticas globais. Porém, o ocidente não aceita. Em resposta, os BRICS criaram os seus mecanismos emergenciais de ajuda mútua”, explica. Em 2015 foi criado o banco dos BRICS (Novo Banco de Desenvolvimento) e o Acordo Contingente de Reservas, que pretende ser uma alternativa ao FMI.

**Trocas** – A pauta exportadora brasileira com os parceiros do BRICS inclui carnes, óleos brutos de petróleo, soja, minérios de ferro, veículos para transporte de mercadorias e tratores. Desde 2001, segundo o Itamaraty, a corrente de comércio entre o Brasil e os países do grupo aumentou 16 vezes. A última reunião de cúpula também serviu para que o país se mostrasse aberto a novos negócios.

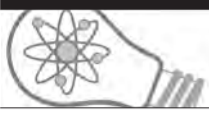
Segundo André Cunha, economista e professor da Faculdade de Ciências Econômicas, o Brasil está errando na pauta de privatizações. O equívoco consiste na falta de uma política consistente diante do gigante chinês. A aproximação com a China é boa, mas perigosa. “Há potenciais maravilhosos, mas grandes riscos. Ao invés de administrar bem o poten-

cial de trocas comerciais, o país está destruindo os seus ativos. É claro que o combate à corrupção na Petrobras e em outras estatais tem de ser levado adiante, porém sem a destruição dos recursos do país. A capacidade produtiva está sendo aniquilada em meio a uma disputa política”, ressalta.

Cunha critica duramente o formato do pacote de privatizações proposto pelo governo federal, que inclui a Eletrobras e a Casa da Moeda. O economista lembra que bancos públicos e a própria Petrobras correm risco de definhar. “Não estamos perdendo, mas entregando a toque de caixa recursos estratégicos para o desenvolvimento nacional. Nenhuma nação do mundo, razoavelmente organizada, toma esse tipo de atitude. Somente países desorganizados, frágeis e sem estratégia de negociação fazem isso.”

Já o professor Visentini enxerga os atuais e os futuros investimentos chineses de forma distinta, mas concorda que o Brasil parece estar voltando aos anos 1990, quando a política neoliberal de redução do tamanho do Estado foi adotada no país. “A suposta invasão chinesa é um misto de cinismo e equívoco. Quem reclama da invasão das mercadorias chinesas no Brasil vai às compras em Miami. Se essas empresas privatizadas fossem compradas por americanos ou europeus seria lindo, mas, quando os chineses estão interessados, aí é considerado problemático”, ironiza.





# À espera de controle

**Meio Ambiente** *O aumento ilimitado e a falta de monitoramento da quantidade de caturritas em Porto Alegre pode causar problemas futuros de infraestrutura*

Espécie nativa das regiões subtropical e temperada da América do Sul, a caturrita, juntamente com o papagaio de asa verde e o periquito amarelo, é um dos psitacídeos encontrados no bioma Pampa. O seu crescimento, entretanto, está em ascensão no meio urbano: quem anda pelas ruas e parques de Porto Alegre encontra diversos ninhos dessa espécie. Apesar de ainda não haver preocupação por parte de órgãos ambientais brasileiros, essa ave já passou por medidas de controle em Portugal e na Espanha, devido à sua grande incidência. A mudança nas práticas agrícolas na capital do estado – houve uma maior produção de grãos associada ao plantio de árvores de grande porte, como o eucalipto – fez com que aumentasse essa população, que se adaptou ao ambiente urbano.

Também conhecida como periquito-barroso, a caturrita vive em bandos de até 50 indivíduos, principalmente em florestas secas, plantações e áreas urbanas. Para o biólogo da Fundação Zoobotânica (FZB) Glayson Ariel Bencke, o crescimento da espécie não pode ser considerado uma infestação, porque não é incontrolável. “Vemos mais ninhos, mas não é algo desordenado. Escapes e solturas intensificaram a presença da caturrita na região. É provável que isso se estabilize num futuro próximo, quando os recursos se tornarem escassos. Na década de 90, o papagaio era mais abundante, por exemplo”, comenta Bencke.

Diferentemente de outras aves presentes no estado, a caturrita constrói ninhos volumosos, que são coletivos e feitos de gravetos, no topo de árvores. Isso é vantajoso, de forma que essa ave independe de encontrar um oco na árvore ou locais como postes de luz e fendas em muros para colocar seus ovos – ela põe até 11 ovos a cada reprodução. Cerca de sete filhotes chegam à idade adulta e podem medir até 30 cm. “Todos os demais psitacídeos necessitam encontrar esse oco, o que pode justificar o fato de não se expandirem na mesma proporção que a caturrita”, afirma Glayson. O que limita o desenvolvimento dessa espécie é a quantidade de comida disponível.

**Dispersão** – A cocota, como a caturrita também é conhecida, é uma ave de cativo, vendida na beira da estrada, atividade que ocorre ainda hoje, mas com menor intensidade. Em dezembro de 2016, a Polícia Rodoviária Federal apreendeu três caturritas que estavam sendo comercializadas ilegalmente na BR-470. Após

a apreensão, é comum que não sejam entregues a instituições ambientais ou que escapem, aumentando a população, que se dispersa nas áreas mais arborizadas da cidade. “Quando são capturadas em alguma fiscalização, muitas vezes, o destino é a soltura. Se são libertadas em áreas com alimentação suficiente, a reprodução ocorre, ajustando-se para as estações de primavera e verão”, destaca Glayson. O pesquisador garante que não é possível determinar a quantidade e a frequência consideradas normais de caturritas, pois se desconhece em que momento foram introduzidas no meio urbano. Além disso, há a dificuldade em estimar quanto do crescimento

ocorre por reprodução e quanto se dá por escapes e solturas. Os únicos requisitos, portanto, são a disponibilidade de plantios e a arborização. O ambiente, contudo, não tem predadores, o que traz tranquilidade: “Fazer um ninho em um condomínio perto de carros passando ou em casas é mais seguro. É um ambiente que pode não ter tanta comida, mas é mais seguro”, confirma Glayson.

**Habitantes urbanos** – O biólogo questiona-se, no entanto, se a cidade tem estrutura para receber essa espécie. “Mesmo a área rural tem limite para isso. Lá, há os cultivos agrícolas de milho e soja, que fornecem muitos alimentos para as caturritas, que

atacam esses plantios. Temos vários exemplos, mundo afora, de que a introdução de espécies exóticas pode causar prejuízos para espécies nativas e, nesse caso, para pomares como o de pêssego e o de uva”, atesta Glayson. A caturrita já foi considerada uma espécie-praga por causar prejuízos ao controle agrícola. A caça já foi, inclusive, autorizada por um período, permitindo-se o abate com armas de fogo e por caçadores cadastrados. “Com esses antecedentes, fica até perigoso não haver nenhuma ação de controle, porque a expansão pode causar – ou já está causando – danos. Agora, é complicado controlar, porque terá um custo bem mais alto”, relata Glayson.

Demétrio Guadagnin, professor do Departamento de Botânica da UFRGS, diz que a principal questão é a abundância das caturritas, que já estão em regiões onde antes não existiam, como no norte do estado. Ele diz que a ampliação de estruturas elétricas favoreceu o crescimento da população. “A caturrita cria seus ninhos nessas infraestruturas de distribuição de energia e de comunicação. Nos Estados Unidos, ela tem causado problemas nessas áreas e provocado a competição com espécies nativas de lá”, ilustra. Não há um mapeamento das áreas de predominância da espécie em Porto Alegre, mas as caturritas se aproximam de cultivos de eucalipto, devido à elevada altura. “Aqui é bastante arborizado. Condomínios e pequenos loteamentos construídos em um lugar que antes era rural contribuem para o surgimento da espécie. É uma combinação ótima de áreas verdes com a segurança e a alimentação disponíveis na cidade”, enfatiza Demétrio. A caturrita também pode se alimentar no chão, de grãos e de frutos caídos. A dieta disponível é bem ampla. Para o professor, precisa-se de contenção: “Já causou danos em outros países, logo, justifica-se uma ação de prevenção de controle. Se já está instalado, isso se torna mais difícil. Não há ninguém atento a essa situação no momento, pois os possíveis órgãos só se dão conta quando o problema já está criado e as pessoas começam a reagir”, acrescenta. Até o fechamento da reportagem, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) de Porto Alegre não informou sobre a situação nem sobre qualquer plano de contenção da expansão da espécie.

Para Juliana de Brites, estagiária de jornalismo na Brigada Militar, as caturritas só apareciam no Centro Histórico, onde trabalha, durante o verão, mas agora surgem também no inverno: “Estou vendo o ano todo. Vivem numa árvore alta ao lado do prédio em que trabalho. Recentemente estive no interior do estado para visitar a família, em Dom Pedrito, e lá as caturritas seguiram a tradição e não apareceram durante o inverno, diferente daqui”. A presença, em sua avaliação, é positiva: “A cantoria delas ao lado da janela do meu serviço acompanha a tarde de trabalho. É muito bom, uma trilha sonora que melhora o humor da equipe”. O canto da caturrita representa, para Juliana, o início do verão e os dias de sol, compondo a paisagem da cidade.

Caturritas constroem ninhos volumosos e coletivos em estruturas altas



FLAVIO DURAY/UFPA





# Um século de paradoxos

**Efeméride** *Obra preenche lacunas sobre os impactos da Revolução Russa e discute as contradições do regime soviético*

Completaram-se 100 anos. A Revolução Russa, contudo, permanece dividindo setores da sociedade, despertando desde a veneração até o ódio. Para Paulo Visentini, professor de Relações Internacionais da UFRGS, predomina a desinformação sobre o fenômeno histórico. Por isso, decidiu escrever *Os paradoxos da Revolução Russa*, lançado neste ano pela editora Alta Books. Produzida de modo didático, a obra levou um ano para ser elaborada e explica a ascensão e a queda do socialismo soviético. Mais do que isso, destaca o que é o povo russo e as singularidades que caracterizam esse país.

“Precisava começar pormenorizando o que era a Rússia, porque o que aconteceu lá se justifica pelas condições particulares dessa nação. Na China, por exemplo, foi bem diferente, já que a cultura era outra. As pessoas não se dão conta disso, porque a revolução tem impacto universal”, afirma Visentini. Assim, o autor inicia sua obra contando sobre a Rússia antes da revolução – agrária, czarista e com a maioria da população iletrada. Depois, parte para o que simbolizou, de fato, o regime socialista e como ele

se consolidou. Foram 74 anos de influência mundial, obrigando o Ocidente a tornar o capitalismo mais humanizado, pois as classes baixas deste lado do mundo inspiravam-se no socialismo. A ideologia de libertação nacional culminou na emancipação de diversos povos. A obra discute didaticamente os dez anos que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas levou para se industrializar, a vitória na Segunda Guerra Mundial – em que a federação saiu destruída – e como se tornou uma superpotência no contexto da Guerra Fria.

A Nova Política Econômica de Lênin e a era stalinista são descritas nos dois primeiros capítulos e, no terceiro, os governos de Nikita Krushchev e Leonid Brezhnev. Encaminhando-se para o fim, a obra busca entender o que causou o colapso da URSS, que resultou em cisões no próprio regime. O título do livro conduz todo o fio de pensamento – as realizações, em todas as etapas, são paradoxais e imbuídas de contradições. “Tanto podem ser invocadas num sentido positivo do que o socialismo é capaz de fazer, quanto num sentido ne-

gativo”, pontua. Como aqueles que desejavam destruir o Estado construíram um ainda mais poderoso? Como a revolução foi internacional e, ao mesmo tempo, seguiu o socialismo em um só país? Por que se combinou progresso social com retrocesso político? Como participar de uma ordem mundial capitalista sendo socialista? Essas são algumas das questões tematizadas pelo autor.

Afinal, o que a experiência soviética significa nos anos 2000? O autor enfatiza que o seu legado está nos avanços sociais e nos serviços públicos, que ainda são uma vitória a ser conquistada em países como os EUA, que não têm um sistema único de saúde. “Hoje, nós temos uma crise de valores. As pessoas são individualistas e só visam a vantagens, principalmente corporativas. O grande legado da revolução é essa possibilidade de se construir um modelo alternativo de sociedade. Criou a consciência da universalização, de que as coisas boas que a humanidade produz devem ser para todos”, comenta.

**Camila Souza,**  
estudante do 5.º semestre  
de *Jornalismo da UFRGS*



Em São Petersburgo, estátua de Lênin marca limites do cerco nazista à cidade



## Os paradoxos da Revolução Russa

Paulo Fagundes Visentini  
Rio de Janeiro: Alta Books, 2017  
176 páginas | R\$ 49 (preço médio)



## A vida de Paco Paredes

Pedro Afonso | Lisboa: Chiado Editora, 2016  
208 páginas | R\$ 36,00 (preço médio)

## Conhecendo Paco

Publicada pela Chiado Editora, *A História de Paco Paredes* marca o início da carreira de romancista de Pedro Afonso, graduado em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrando em Sociologia na UFRGS. A história do famoso toureiro é contada por uma narradora fictícia chamada Monica, uma grande amiga de Paco que o conheceu em um passeio à Ilha de Mallorca e o acompanhou até seus últimos dias de vida. A motivação para escrever um livro sobre a vida de seu amigo surgiu devido ao pedido dos dois filhos gêmeos de Paco, que não conheciam nada sobre seu pai além do fato de que ele havia sido fortemente golpeado por um touro no dia de San Isidro, na Plaza de Toros de las Ventas, em Madrid.

Criado por seu tio materno em um pequeno vilarejo chamado Paredes, no nordeste de Portugal, Paco de Deus sustentava esse sobrenome na falta de um que representasse seus pais, visto que havia sido abandonado quando criança. De Paredes, Paco saiu atrás de uma temática relevante para participar de um concurso

de reportagens do *Jornal Lisboaeta*. Com o objetivo de ser um dos ganhadores do concurso, ele viajou por todos os cantos de Portugal, se fez passar por imigrante e dividiu um apartamento com um mexicano e um marroquino.

Ser o centro das atenções foi o que moveu Paco em sua trajetória, segundo Monica. “Se outrora Paco havia tentado buscar a influência por meio das palavras, com o objetivo de que estas adentrassem na mente de seus leitores – o que acabou se mostrando uma estratégia falha – ele agora tentava influir sua imagem para dentro de seus espectadores”. Foi assim que Paco se tornou um dos toureiros mais admirados e idolatrados da Espanha, devido à sua elasticidade em girar a cintura ao driblar um touro, além de sua habilidade em controlar as emoções frente ao animal. Foi nesse contexto também que, ao enfrentar um dos maiores touros de sua carreira, Paco foi gravemente golpeado, acontecimento que colocou tanto sua carreira quanto sua vida em risco. (Vanessa Petuco)



## Falange Gaúcha: o presídio central e a história do crime organizado no RS

Renato Dornelles | Porto Alegre: Diadorim Editora, 2017  
173 páginas | R\$ 40 (preço médio)

## Crimes, prisões e motins

Atônitos, no final do ano passado, acompanhamos cenas degradantes de conflitos entre grupos rivais que disputavam espaço em cadeias públicas do norte e nordeste do país. Ouvimos falar de grupos como a Família do Norte ou o Sindicato do Crime. Antes disso, a partir de São Paulo e Rio de Janeiro, conhecemos o Primeiro Comando da Capital, o Comando Vermelho ou o Amigos dos Amigos. É na esteira desses acontecimentos que se torna importante o relançamento do livro do jornalista Renato Dornelles, cuja primeira edição é de 2008. Repórter da editoria de Polícia dos jornais da RBS desde 1986, Renato se propôs a fazer um levantamento da história do Presídio Central a partir dos motins e tentativas de fuga que ali ocorreram. O autor busca as origens da organização do crime no RS com o intuito de perceber como se gerou por aqui a realidade cada vez mais cotidiana revelada pelos constantes homicídios praticados por grupos divergentes, seja como vingança ou para defesa de territórios; ou, ainda,

pelo modo como estão formalmente divididas as galerias do Presídio Central, separadas por facções rivais. Numa linguagem jornalística bastante direta, Renato traça o caminho no sistema prisional gaúcho de criminosos que se tornaram conhecidos – como Melara, Bicudo ou Papagaio –, comentando sua ousadia e a conseqüente ascendência sobre grupos dentro dos presídios que frequentaram. Aproximando-se do jornalismo literário, reproduzindo diálogos e mesmo sensações dos que viveram os fatos narrados, falta à obra, talvez, indicar quais foram as fontes de pesquisa que deram corpo a tais percepções. Por outro lado, o livro ainda é relevante, também, por ter virado a base do roteiro de um documentário recente – *Central*. Se a obra nos apresenta um pouco da origem do que chamamos de crime organizado, valeria, passados nove anos do seu lançamento, uma atualização. Afinal, o cenário que ali se insinuava parece, agora, plenamente constituído. (Flávio Dutra)





# O incômodo queer



Obra *Reconhecimento* (2008), de Sandro Ka, presente na mostra *Queermuseu* e pertencente ao Acervo do Museu de Arte do RGS

ISAIAS MATOS/DIVULGAÇÃO

Sandro Ka\*

Toda iniciativa que coloca na vitrine questões sensíveis e periféricas como gênero e sexualidade mostra o quão urgente e importante é discutir essas temáticas em nossa sociedade. Esse foi o mérito do Santander Cultural – uma das mais importantes instituições da cidade de Porto Alegre em nosso atual e frágil contexto cultural – ao abrir suas portas à exposição *Queermuseu – Cartografias da diferença na Arte Brasileira*. Esse, porém, talvez tenha sido o único acerto na complexa novela em que se converteu a mostra sob curadoria de Gaudêncio Fidelis, encerrada em 10 de setembro passado.

Inaugurada em agosto deste ano, a mostra deveria manter-se aberta até 8 de outubro. Entre os 85 artistas, figuravam nomes de grande relevância no circuito artístico nacional, como Adriana Varejão, Candido Portinari, Fernando Baril, Hudinilson Jr., Lygia Clark, Leonilson e Yuri Firmesa. Entretanto, após ataques de ódio mobilizados por setores religiosos e grupos políticos de extrema direita, a instituição decidiu encerrar a mostra.

Embora não existisse nenhuma novidade na abordagem da temática no campo das Artes Visuais, tampouco uma transgressão junto aos estudos *queer*, a realização da exposição afirmava

um posicionamento corajoso da instituição frente às adversidades e retrocessos que vivemos cotidianamente. Isso se acentua se for considerado o fato de que muitas pessoas, de um modo ou de outro, se viam representadas, como sujeitos lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Entretanto, *Queermuseu* não tratava exclusivamente de questões ligadas às temáticas LGBT. Apresentava, com viés político, questões fortemente ligadas à diversidade das expressões da sexualidade humana como fio condutor, mas a discussão sobre a diferença a alteridade se mostrava como seu grande potencial discursivo.

*Queer* refere-se àquilo que não se fixa; àquilo que se nega a se justificar, a se normatizar. Não perdemos de vista que a sexualidade é um tabu. Em várias sociedades e em vários momentos – não muito distantes –, a sexualidade diversa esteve associada a crime, pecado e doença. Em especial, é considerada um desvio a sexualidade do “outro” e da “outra” que não se enquadra nas normas regidas por complexas articulações e hierarquizações de poder. É esse aspecto de inconformidade que possibilita relacionar o termo *queer* a expressões de sexualidade consideradas dissidentes ou mesmo abjetas e, por essa razão, os estudos *queer* como campo do conhecimento são caros às

discussões sobre gênero e diversidade sexual, bem como à problematização das políticas públicas ligadas aos direitos LGBT.

Em *Queermuseu*, ao ser tratado como mote conceitual, o termo se ampliou e abraçou questões da Arte Contemporânea que refletem nosso tempo e suas inquietações. Estamos no centro da experiência de vida na atualidade e, desse ponto de vista, olhar para o que não compreendemos é um desafio. Mais fácil é aceitar aquilo que já está domesticado, sistematizado, entendido como correto e normal. Por isso, os incômodos da arte hoje foram potencializados pela abordagem proposta pela exposição. Se a subjetividade e a pluralidade da Arte Contemporânea produzem incômodos, imaginemos uma proposta curatorial e obras que ousam questionar limites, transgredir regras. Temos aqui um prato cheio para o conservadorismo latir. Sem qualquer embasamento crítico, tampouco abertos à apreciação e análise das obras em exposição, os ataques foram orquestrados: afirmavam equivocadamente que a mostra, assim como sua instituição promotora, era imoral e que apresentava conteúdos blasfemos e de apologia a práticas como zoofilia e pedofilia. Essa é uma leitura rasa que tinha como única intenção promover o próprio movimento reacionário.

Cedendo aos ataques e optan-

do pelo encerramento prematuro da exposição sob justificativas frágeis e vulneráveis, a instituição cultural se contradisse. Com motivações controversas e sem abrir possibilidades de diálogo com a comunidade artística, os segmentos especializados, a militância social e a sociedade, o precipitado fim da mostra assumiu ares de censura. Consequentemente, proliferaram outros ataques e discursos de ódio contra artistas, ativistas e manifestações artísticas, disfarçados sob a égide aos valores morais e dos bons costumes. Abriu-se, assim, espaço para uma contínua violação de direitos humanos contra minorias sociais. Tal posicionamento vulnerabilizou, mais uma vez, todos e todas que sempre são os que mais perdem: mulheres, negros, sujeitos LGBT, entre outros segmentos fragilizados nos arranjos sociais marcados por preconceitos e discriminações. Por sua vez, a sociedade perdeu a oportunidade de discutir questões relevantes do nosso tempo com todo o cuidado que mereciam.

Como capítulo mais recente, entre a enxurrada de tentativas de proibição de exposições e espetáculos teatrais em várias cidades, brasileiras, sob argumentos confusos e equivocados promovidos por setores políticos conservadores e por fundamentalistas religiosos, tivemos o caso da peça *O Evangelho Segundo*

*Jesus, Rainha do Céu*, integrante da programação da última edição do festival *Porto Alegre em Cena*. O espetáculo trazia uma travesti em cena como Jesus Cristo. Com a liminar de censura suspensa pelo Judiciário, a melhor resposta veio do próprio público: teatro lotado; fortaleceu-se o público representado na pele e na voz da travesti em cena. Arte não machuca nem ofende. Pelo contrário, sensibiliza. Mas ainda há com que se preocupar.

Por enquanto, a urgência e a relevância da arte – felizmente – têm assumido lugar central nessa trama. Mais do que nunca, a arte importa. Se mobiliza, tanto é porque é um espelhamento da vida com suas contradições. Valorizemos agora, mais do que nunca, essa potência, e não sua utilização como bode expiatório para legitimar e promover discursos de ódio e retrocessos, pois é pela via do sensível que podemos sacudir o *status quo* e dar importantes passos adiante. Cercar a liberdade de criação e transformação não é o caminho. No melhor sentido que o termo *queer* pode traduzir, é na inquietude, na arte e na vida, que não nos deixaremos embrutecer e retroceder.

\*Artista visual e doutorando em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS). Militante social ligado ao SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade.





## DESTAQUE

# Diversidade e o rompimento da temporalidade

**Inclusão** Mostra internacional traça uma nova cartografia cultural para a arte

A *BienalSur* tem a sua edição inaugural neste ano e acontece 20 anos depois da primeira Bienal do Mercosul. Com início em setembro, as exposições ocorrem até dezembro e reúnem mais de 250 artistas e curadores dos cinco continentes. A Bienal surge como uma mostra transnacional de exposições e visa gerar a ideia de simultaneidade nas 32 cidades e 16 países sob curadorias múltiplas, eliminando as fronteiras espaciais e temporais por meio da internet. Organizada pela Universidade Nacional de Trés de Fevereiro (UNTREF) da Argentina, tem Anibal Jozami como diretor geral e Diana Wechsler como diretora artístico-acadêmica. Países como Uruguai, Paraguai, Chile, Colômbia, Brasil, Cuba, México, Espanha, França, Alemanha e Japão constituem a Bienal. Em Porto Alegre, o evento acontece nos câmpus Centro, Saúde e do Vale da UFRGS.

No Câmpus Centro, estará a obra da artista visual Teresa Pereda. A intervenção *Luz* constrói uma estética que discute o vínculo entre o homem e a terra. A obra traz uma silhueta do mapa da América do Sul. Emerge, então, uma dimensão geográfica associada ao cosmos e à multidimensionalidade. Ao permitir o trânsito do público, propõe reflexões sobre ideias ligadas a um lugar compartilhado e à identidade. “Dedico especial atenção aos processos de mestiçagem e de etnia no

solo americano. Enquanto artista, minha tarefa é indagar sobre a terra, os ritos e as raízes culturais de nosso continente”, comenta a Teresa. A visitação de sua exposição é de 04 de outubro a 15 de dezembro, das 10h às 18h, no Salão de Festas da Reitoria.

Também o Planetário recebe uma intervenção da artista: com projeções na cúpula, *Humus | la piel no calla*, ela pretende trazer ao espaço urbano a contemplação do movimento da água para refletir sobre encontros e desencontros e sobre a contraposição entre natureza e homem, ou seja, expõe a fragilidade deste frente àquela. Acontece no Planetário, no Câmpus Saúde, nos dias 5 e 6 de outubro às 19h e nos dias 7 e 8 às 14h, 16h e 18h.

Para Bianca Knaak, professora do Departamento de Artes Visuais, a primeira edição da *BienalSur* possibilita maior visibilidade da arte da América do Sul: “Ainda é cedo para aferir as consequências e os impactos, mas toda iniciativa de promoção conjunta da arte é um importante passo. Espera-se, nessa rede de comunicação ubíqua e instantânea, que as produções não inibam a experimentação, a resistência, a surpresa e as reelaborações estéticas, conceituais e políticas de cada participante”.

**Camila Souza,**  
estudante do 6.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS



Artista visual Teresa Pereda realiza intervenção Luz

## CINEMA

## MOSTRA AMOS GITAI

Projeção da trilogia do cineasta israelense Amos Gitai, contando com os filmes *House* (1980), *A House in Jerusalem* (1998) e *News from Home/News from House* (2006). *House* é um documentário sobre uma casa localizada na zona oeste de Jerusalém: abandonada durante a guerra de 1948 pelo seu dono, um médico palestino, requisitada pelo governo israelense e alugada por imigrantes argelinos e judeus em 1956. Dezoito anos após seu primeiro filme, Gitai volta ao mesmo local em *A House in Jerusalem*, para observar as mudanças. Já em *News from Home/News from House*, vemos que a casa não é mais o microcosmo que foi 26 anos antes.

Sessões: 10, 11 e 13 de outubro, às 16h e 19h  
Local: Sala Redenção

## CINE CARAMELO

A quarta edição do Cine Caramelo – Festival infanto-juvenil de cinema tem como tema os ritos de passagem. De fábulas realistas a mundos fantásticos e reinos mágicos, vamos nos aventurar em desafiadoras jornadas de autotransformação, amadurecimento e celebração dos ciclos da vida.

Sessões: 16 a 20 de outubro, às 14h15, 16h e 19h  
Local: Sala Redenção

## MOSTRA SYLVIO BACK 8.0 – FILMES OUTRA MARGEM

A Sala Redenção se associa às comemorações nacionais dos oitenta anos de vida do cineasta Sylvio Back, autor de 38 filmes e detentor de 76 prêmios nacionais e internacionais, exibindo nove longas-metragens, a maioria tematizando a magnífica história remota e recente do Rio Grande do Sul.

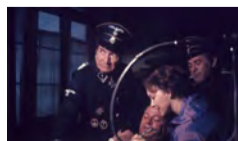
A GUERRA DOS PELADOS (1971, 93 min)  
Sessão: 25 de setembro às 16h

LANCE MAIOR (1968, 100 min)  
Sessão: 25 de setembro, às 19h



REVOLUÇÃO DE 30 (1980, 120 min)  
Sessão: 26 de setembro às 16h

ALELUIA, GRETCHEN (1976, 115 min)  
Sessão: 26 de setembro às 19h



REPÚBLICA GUARANI (1982, 100 min)  
Sessão: 27 de setembro às 16h

GUERRA DO BRASIL (1987, 83 min)  
Sessão: 28 de setembro às 16h

RÁDIO AURIVERDE (1991, 70 min)  
Sessão: 28 de setembro às 19h

LOST ZWEIG (2003, 114 min)  
Sessão: 29 de setembro às 16h

O CONTESTADO – RESTOS MORTAIS (2010, 118 min)  
29 de setembro às 19h

## ESPECIAL

## SALÃO UFRGS

Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade concentradas em um único evento, que proporciona ao público a oportunidade de percorrer espaços que apresentam e discutem novos conhecimentos produzidos na pesquisa científica.

16/10: Abertura do Salão com show Tributo a Tim Maia, com Tonho Crocco, Chico Paixão, Leonardo Boff e outros.

20/10: Espetáculo de encerramento com a Orquestra Eintracht  
Local: Câmpus Vale

## V UFRGS Criança

Agregando esforços nas iniciativas de retomada do “ato de brincar”, a Universidade organiza um grande parque de ações esportivas e culturais para crianças de até 12 anos, filhos de servidores (docentes e técnicos-administrativos), e de alunos da UFRGS.

Data: 12/10, das 9h às 15h  
Local: Esefid

## EXPOSIÇÃO

## BIENALSUR

A primeira Bienal Internacional de Arte Contemporânea da América do Sul traz a Porto Alegre três exposições de dois artistas visuais:

## TERESA PEREDA LUZ

A artista utiliza o elemento terra na construção de uma estética que aborda o vínculo homem-terra. Visitação: de 27 de setembro a 15 de dezembro  
Horário: das 10h às 18h  
Local: Salão de Festas

## HUMUS - LA PIEL NO CALLA

Vídeo que registra a potente pulsão que exerce o surgimento de água proveniente de um curso subterrâneo. Visitação: de 27 de setembro a 15 de dezembro

Horário: das 10h às 18h  
Local: Câmpus Saúde

## JOËL ANDRIANOMEARISOA LE LA TOUR DU MONDE

Instalações no espaço público da Universidade, que consistem na distribuição de cartazes com frases em diferentes idiomas em alguns pontos dos câmpus Centro e Vale, buscando uma relação diferenciada com aqueles que transitam por esses espaços. Visitação: de 27 de setembro a 15 de dezembro  
Local: Câmpus Centro e Câmpus do Vale

## UNIFOTO

## REFLEXOS DO ESPECTRO

A exposição do artista Eduardo Vieira da Cunha tem a curadoria de Daniela Cidade e compreende 28 obras, entre pinturas e desenhos. É o resultado de uma pesquisa plástica em que o imaginário do espelho aparece como uma procura pelo mistério da imagem. Visitação: até 3 de novembro, das 8h às 18h  
Local: Saguão da Reitoria

## O PERCURSO DE UM OLHAR



Nesse trabalho, Luiz Carlos Felizardo relembra a sua trajetória de 40 anos de carreira. O fotógrafo escolheu alguns de seus retratos mais conhecidos, como os das paisagens dos pampas gaúchos e aqueles que focam a arquitetura jesuítica. Nesta oportunidade, contudo, o destaque ficará por conta de imagens importantes de sua vida.

Visitação: até 22 de dezembro, das 7 às 22h 30min  
Local: Pátio do Câmpus Centro

## MÚSICA

## INTERLÚDIO



Concerto com o violonista erudito e bacharelado da UFRGS, Lucas Correia Lima. Participou de diversos concertos pela América do Sul, com repertório variando entre performances solo, grupos de câmara e concertos com orquestras

Data: 31/10  
Local e horário: Salão de Festas da Reitoria, às 12h30

## SOM NO SALÃO

Shows dos grupos de choro e samba Voo Livre e Conjunto Linhares. O

Em sua formação, o Voo Livre conta com Diogo Jackle (violão), Vinícius Ferrão (bandolim), Lucas Dellazana (bateria), Fabio “Cabelinho” Azevedo (cavaquinho) e Iuri Barbosa (contrabaixo acústico). Já o Conjunto Linhares iniciou sua trajetória como uma homenagem ao sambista homônimo das décadas de 1930 e 1940, Seu Linhares, e traz ao palco Fernando Arrienti (surdo e percussão), Leonardo Bach (pandeiro e percussão), Guilherme Sanches (percussão geral), Mathias Pinto (violão de sete cordas), Vinícius Ferrão (cavaquinho e bandolim), Eliseu da Silva Rodrigues (clarinete e clarone) e Rafa (voz).

Data: 11 de outubro, às 20h  
Local: Salão de Atos da UFRGS  
Local: Hospital de Clínicas (hall do 2º pavimento)

## TEATRO

## A JUJUBA É MINHA

A boneca Jujuba é esquecida por anos em um sótão. Quando sua antiga dona, Valéria, está preparando o aniversário dos sobrinhos Bibi e Pedrinho, algo mágico acontece. A boneca adormecida ganha vida. Um brinquedo com vontade própria, dois irmãos que adoram inventar brincadeiras e uma tia atrapalhada se encontram neste espetáculo infantil. Apresentações: 4, 11, 18 e 25 de outubro, às 12h30 e 19h 30  
Local: Sala Qorpo Santo  
Classificação indicativa: Livre  
Entrada franca com retirada de senhas uma hora antes do início da sessão.

## ONDE?

► **Câmpus Centro**  
Av. Paulo Gama, 110

► **Câmpus Vale**  
Av. Bento Gonçalves, 9500

► **Esefid**  
R. Felizardo, 750 - Jardim Botânico  
Fone: 3308.5804

► **Sala Qorpo Santo**  
Av. Paulo Gama, 110  
Fone: 3308.3080

► **Salão de Atos**  
Av. Paulo Gama, 110  
Fone: 3308.3058

► **Saguão da Reitoria**  
Av. Paulo Gama, 110  
Fone: 3308.7000

► **Salão de Festas**  
Av. Paulo Gama, 110°  
Fone: 3308.7000

► **Sala Redenção**  
A. Paulo Gama, 110  
Fone: 3308.3034

► **Hospital de Clínicas**  
R. Ramiro Barcelos, 2350  
Fone: 3359.8000



## Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

## Saúde e pertencimento

Ao sair da Escola de Enfermagem da UFRGS num final de tarde chuvoso, Ronaldo Rossi se despede, com um longo abraço, de Gisela, funcionária que trabalha na portaria do prédio – é o último dia de trabalho dela. Indicando Ronaldo com os olhos, ela alerta seu substituto: “Olha, este aqui é muito querido da gente, está sempre aqui”. A pedido de Gisela, o jovem anota seu número de celular num papelzinho para que ela possa lhe mandar cartões de bom-dia no WhatsApp.

Ronaldo, estudante do terceiro semestre de Enfermagem, encontrou enfim seu lugar na UFRGS. Depois de explorar os terrenos antes desconhecidos da Engenharia de Energia, percebeu que não era a carreira que queria trilhar. Enfermagem foi uma das opções que lhe vieram à mente e então, em 2016, ingressou no novo curso. “Aqui eu me vejo prestando um serviço à sociedade”, reflete em tom de empolgação. Há um ano, o jovem é membro do Laboratório de Estudos sobre Ruído, Acústica, Saúde, Educação Popular e Qualidade de Vida (Leraseq). O estudante de 21 anos conta que, ao entrar no curso de Enfermagem, já nutria a ideia de conciliar os estudos da graduação com alguma atividade extracurricular para colocar em prática o que aprendia em sala de aula. Foi esse desejo que o levou ao Leraseq. “Dentre os laboratórios que eu conheci, este foi o que mais me chamou a atenção, porque tinha relação com meu curso anterior e eu ainda estava quentinho da Engenharia”, brinca. Ronaldo procurou o professor responsável pelo laboratório, Dilmar da Paixão, e o consultou sobre a possibilidade de participar do projeto. Coincidentemente, uma seleção para participar do grupo estava aberta e ele conseguiu ingressar.

O Laboratório de Estudos Sobre Ruído, Acústica, Saúde, Educação Popular e Qualidade de Vida é, na verdade, um grande grupo de trabalho multidisciplinar que

abrange todos os pilares da Universidade, com atividades de ensino, pesquisa e extensão. Numa atividade coletiva que congrega professores e alunos de diversos cursos, como Física, Pedagogia e Direito, o laboratório estuda os efeitos dos ruídos na qualidade de vida das pessoas e, através do ensino, promove a conscientização sobre o assunto e a prevenção de efeitos negativos. Ronaldo coopera com a pesquisa: estuda problemas e elabora artigos que são apresentados em feiras e congressos. “Nossa última apresentação foi na Sociedade Brasileira de Acústica”, lembra com orgulho.

Apesar de o laboratório não possuir um espaço físico na Universidade, para Ronaldo o pertencimento aconteceu nos primeiros contatos com o grupo de pesquisa: “Que grande oportunidade!”, pensou consigo. Essa primeira impressão perdura até hoje. Segundo o estudante, a experiência tem lhe ensinado muito graças à multidisciplinaridade – característica que não encontra nos laboratórios mais específicos da área de Enfermagem. “Você consegue enxergar a influência de várias áreas em determinada situação. Os inúmeros pontos de vista e soluções para um problema”, reflete. A prática no Leraseq acendeu o olhar de Ronaldo para a docência. Ele confessa que é uma possibilidade para seu futuro: “A ideia de docência não me é estranha. Eu acho bacana”. Enquanto a hora de escolher quais caminhos profissionais seguir não chega, Ronaldo ajusta seu relógio no agora: continua no curso em que se descobriu e no Laboratório que o encantou. “Me encontrei por aqui. É sensacional!”.

**Cássia de Oliveira,**  
estudante do 8.º semestre de  
Jornalismo da UFRGS

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

## Perfil

# Mídias, ensino e inserção

**Marcelo Foohs** Professor fala sobre seu gosto pela informática na educação e o papel desta na inserção social

O fascínio pela linguagem sempre esteve presente na vida do professor do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação (Faced) Marcelo Magalhães Foohs. “Quando eu era criança, adorava ficar no sótão da casa da minha tia lendo histórias em quadrinhos. Ninguém me tirava de lá”, lembra o professor entre risos. Para ele, a linguagem permite, à pessoa que está lendo, viajar. “É incrível como por meio dos sons que produzimos nós conseguimos incorporar coisas na malha cognitiva daqueles que nos ouvem”, admira-se o professor.

Com essa adoração, Marcelo foi cursar Letras na Universidade Federal do Paraná, onde também se tornou mestre na área. Em sua dissertação, o professor se preocupou com o reconhecimento da linguagem natural por dispositivos de informação. Das terras paranaenses, rumou aos Estados Unidos para realizar um curso de especialização em Tecnologia Instrucional na Universidade do Sul da Flórida, no qual procurou desenvolver softwares para a aprendizagem de segunda língua. De volta ao Brasil, aproveita os créditos obtidos na especialização em curso de doutorado na UFRGS pelo Programa de Pós-graduação em Informática na Educação (PGIE).

Hoje, Marcelo diz aproveitar a liberdade que a Faced oferece aos professores na sugestão de projetos para levar a programação às escolas, além de lecionar a disciplina eletiva Mídias, Tecnologias Digitais e Educação. Em uma mistura de entusiasmo e admiração, o professor fala sobre os diversos projetos de

extensão e ensino que tiveram origem em sua aula: o projeto *Costurinhas*, que leva oficinas de costura às crianças do bairro Mario Quintana, por exemplo, surgiu de um website criado por uma aluna. O professor também cita o *TV Brincar*, que desenvolve histórias bilíngues para crianças surdas e ouvintes com o objetivo de que elas brinquem, riem e interajam. “É uma espécie de quebra de gelo entre elas”, descreve.

Outro projeto de extensão que cita com muito orgulho é o *Tampinhas do Bem*. Criado por um professor de Educação Física, o projeto de arrecadação de tampas de garrafas PET conseguiu coletar quarenta quilos de material para reciclagem em apenas três meses. O dinheiro foi revertido para a compra de cadeiras de rodas e para a instalação de sinalizações em escolas para cegos. Marcelo conta que várias outras instituições, além daquela em que seu aluno lecionava, acabaram adotando o projeto. “É muito legal ver que essas ideias que saem da minha disciplina e do próprio ambiente acadêmico acabam virando um movimento de inserção social”, ressalta, Marcelo, entusiasmado.

A disciplina eletiva em que todos esses projetos se originaram é dividida em duas turmas, sendo uma com estudantes de Pedagogia e de Comunicação e a outra com alunos das licenciaturas. Nela, os estudantes devem produzir um material didático digital que possa ser aplicado às escolas. Para isso, seleciona-se o público-alvo – pais, crianças, professores – e a temática com base em documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum

Curricular aprovada pelo Ministério da Educação. Essa produção, além de técnica, exige uma articulação teórico-metodológica de acordo com as vertentes epistemológicas – como a informação se transforma em conhecimento – e psicológicas – como a psique afeta a formação do conhecimento. Ao final da disciplina, os alunos devem fazer uma pequena defesa de seus projetos nos moldes do Salão de Iniciação Científica (SIC). Marcelo acredita que o SIC permite a ampliação de perspectiva para os estudantes e por isso incentiva que eles levem adiante seu trabalho por meio da iniciação científica ou da extensão. Neste semestre, dez alunos inscreveram seus trabalhos no Salão de Ensino, sendo sete aprovados, e dois foram selecionados para o Salão de Extensão. “Isso dá um sentido maior do que somente a aprovação. Se o aluno se concentra apenas em ser aprovado na disciplina, ele perde o foco na intervenção social, no fazer a diferença”, explica o docente.

Ao lado da adoração por linguagem, programação e educação, Marcelo cultiva o gosto por esportes. Fora da Universidade, ele diz gostar muito de jogar tênis, lutar judô e nadar. “No esporte, ou você aprende a conviver com as outras pessoas ou você não joga”, afirma. E complementa: “Há a necessidade de que você saiba perder, ganhar e se inserir dentro de um contexto do ‘eu e do outro’, respeitando as individualidades”.

**Vanessa Petuco,**  
estudante do 6.º semestre  
de Jornalismo da UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local





# Tudo o que é sólido desmancha no ar

TEXTO E IMAGENS **ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO**

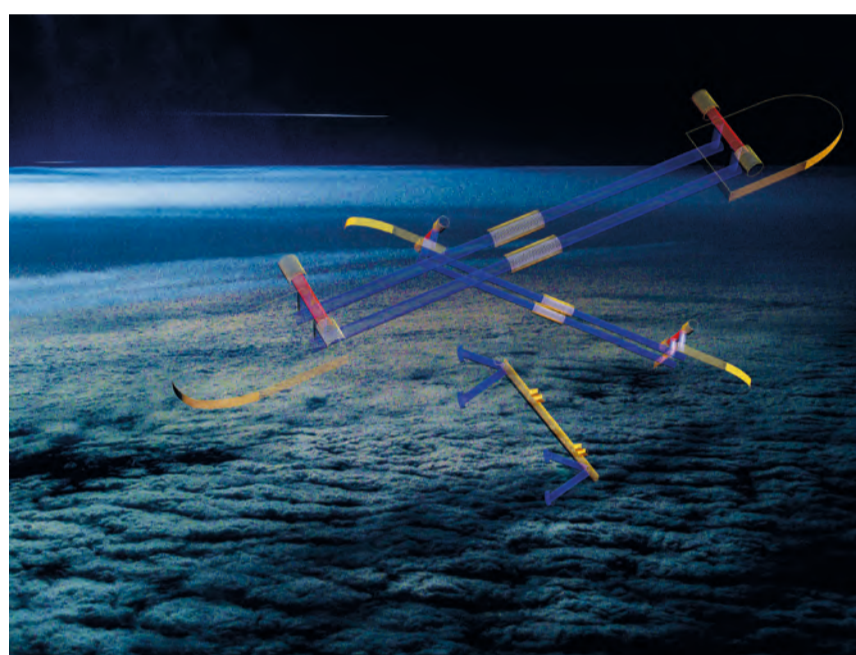
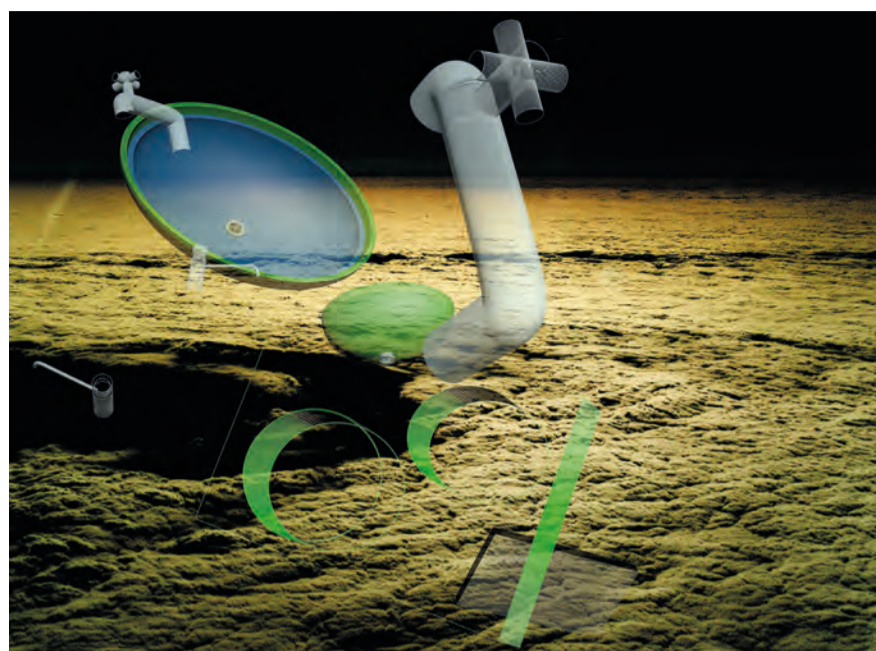
A fragilidade a que o título remete nomeia a série de 17 fotografias de céus [das quais mostramos quatro, nesta página], realizadas pelo artista durante suas viagens. Tais fotografias, impressas em chapas de inox, são o único elemento imagético dessas obras. Sobre elas, desenhos de diferentes projetos já realizados pelo artista estão desfacelados. Portas, pias, paredes, cadeiras, canos, grades, janelas e mesmo uma gangorra – todos desconstruídos – vagam livres em um ambiente sem gravidade. Ao mesmo tempo que a sensação de colapso é evidente, a violência dessas imagens é amortizada pelas nuvens ao fundo.

A questão da virtualização da imagem é cara a Rommulo, que há anos se utiliza da tecnologia e da linguagem projetual arquitetônica para desenhar. Seus projetos são de tal forma idênticos aos trabalhos executados que ficamos em dúvida de qual seria a obra de fato. Um *trompe l'oeil* virtual, que parte da convicção de que o observador contemporâneo está preparado óticamente para compreender este código visual, projetivo. Ou seja, ler um 3D e enxergar, mesmo que mentalmente, sua respectiva materialização. No entanto, o que está em pauta agora é a desmaterialização. Ao despedaçar sólidas estruturas sobre diferentes imagens de céu, o artista potencializa a fragmentação de espaços e questiona a validade da perspectiva – interesses recorrentes em seus trabalhos – expondo a fragilidade de estruturas que supostamente deveriam sustentar as crenças a respeito do mundo que nos rodeia. Refletindo sobre um universo no qual a informação se concentra em algo tão etéreo quanto nuvens, o artista atrita as crenças e as certezas da atualidade, retomando questões elaboradas na modernidade e suas respectivas falências.

Excerto do texto de apresentação da mostra na galeria Gestual, em Porto Alegre, em setembro de 2017

## ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO

MESTRE EM ARTES VISUAIS PELO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS, TRABALHA COM INSTALAÇÃO, OBJETOS, ESCULTURA, DESENHO E FOTOGRAFIA, EXPLORANDO AS SUTILEZAS DE PERCEPÇÃO DO ESPAÇO NA CONTEMPORANEIDADE. É TAMBÉM MESTRE E DOUTOR EM GEOCIÊNCIAS, PELA UFRGS, ONDE ATUA COMO PROFESSOR NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOCIÊNCIAS.





# Ciência repressada



## **Pesquisa** *Orçamento restrito coloca em risco a continuidade e a expansão da produção científica no Brasil*

TEXTO JACIRA CABRAL  
DA SILVEIRA  
FOTOS FLAVIO DUTRA

**A**o anunciar o corte de 44% do orçamento para o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), o governo federal compromete não só a expansão da ciência brasileira, mas até mesmo sua continuidade. Instituições como a UFRGS, responsável por mais de 50% da pesquisa desenvolvida no Rio Grande do Sul, contrapõem esse quadro de desmonte com sua história de produção de conhecimento e formação permanente. Até o final de 2016, a Universidade já contabilizava 450 patentes, sendo que por ano são depositados cerca de 40 novos registros. Essas contribuições resultam da pesquisa realizada em seus 86 programas de pós-graduação, bem como na atuação da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico e do Zenit (Parque Científico e Tecnológico).

Uma dessas contribuições ocorreu na década de 1960, quando a Faculdade de Agronomia teve participação impor-

tante na Operação Tatu, cujo objetivo era recuperar, melhorar e incrementar a produtividade da agricultura no estado. Foi também a partir dessa operação que o Banco do Brasil criou uma linha especial de crédito para aplicação de calcário e fertilizantes, benefícios que se estenderiam a todo o país. Outra importante contribuição no setor da agricultura foram as pesquisas desenvolvidas sobre o melhoramento genético da aveia – caso dos projetos realizados na Estação Experimental Agrônômica da UFRGS. Isso resultou em um grande aumento desse cultivo no Brasil, chegando a 700 mil toneladas em 2016 e levando o país à autossuficiência na produção de aveia em grão.

No setor de tecnologia da informação, nos anos 1970, o Instituto de Informática destacou-se pelo seu pioneirismo em atividades de inovação e transferência tecnológica, projetando e construindo o primeiro modem brasileiro – equipamento indispensável à comunicação

de dados –, que foi comercializado pela Parks Eletrônica e que gerou o primeiro contrato de transferência de royalties entre a UFRGS e uma empresa gaúcha, ainda naquela década. Pelo desenvolvimento desse produto, a pesquisa da Universidade ganha status como uma das pioneiras da comunicação de dados no país.

Para o pró-reitor de pesquisa da UFRGS, Luís da Cunha Lamb, os cortes de verbas do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações representam um erro estratégico, especialmente para uma sociedade como a brasileira: “Quando percebemos que somos exportadores de commodities, ou seja, produtos com baixo conhecimento agregado, entendemos por que o Brasil está na situação social e econômica em que se encontra. No mundo atual, queiramos ou não, ele é fundamental, e as universidades continuam sendo o centro de evolução e de preservação do conhecimento”.





“Se não sair nenhum novo edital ainda no primeiro semestre de 2018, a parte científica do Programa Antártico Brasileiro vai parar totalmente; nós estamos à beira de um colapso”, enfatiza Jefferson Cardia Simões, coordenador geral do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera com sede no Centro Polar e Climático da UFRGS. De acordo com o professor do Instituto de Geociências, somente agora o Programa está recebendo a última parcela do recurso do edital de 2013/2014. “Esse corte absurdo de mais de 44% e uma série de medidas que foram tomadas este ano demonstram que ciência, tecnologia e inovação não estão valendo nada para o atual governo”, critica.

Nesse contexto, o pesquisador considera contraditório o fato de o Ministério da Defesa receber recursos de 300 milhões de reais para reconstruir a Estação Antártica Comandante Ferraz, que pegou fogo em 2012, uma vez que não há verba para dar continuidade às pesquisas que incluem também as missões à Antártica: o MCTIC se nega a alocar de 15 a 20 milhões em quatro anos para fazer um novo edital e manter o programa. “Vamos ter uma estação, mas não haverá pesquisa científica”, salienta. Existe ainda a questão do descumprimento do que estabelece o Tratado da Antártica, que é a exigência da atividade científica

continuada.

Tal contradição, segundo o pesquisador, tem consequências políticas, já que o país corre o risco de perder o status tão duramente conquistado dentro do acordo que decide o futuro de 10% do planeta Terra. “O Brasil vai ficar com o papel ainda mais reduzido dentro desse fórum.” Em comparação com os outros países que compõem os BRICS e investem no continente gelado, o Brasil está atrás de Índia, China e África do Sul. “O que mostra que estamos decadentes na nossa presença na Antártica, que tem relevância para o meio ambiente global. Ela é tão importante quanto a Amazônia para entender os processos globais de mudanças e também de circulação atmosférica. Perdemos status político no momento em que rápidas modificações estão ocorrendo tanto lá como no Ártico. Isso demonstra que esse é um governo que não olha para o futuro”, lastima.

Conforme Jefferson, nos dois últimos anos foi proposto um plano estratégico, voltado principalmente a questões prementes em relação ao meio ambiente, com implicações para a sociedade – mudanças do clima, variação do nível médio dos mares, etc. O professor, no entanto, diz que não foi possível implantar de fato todo o programa por conta da crise econômica. “Estavam também

melhorando a qualidade e o número de publicações em periódicos científicos, o que também será afetado.”

**Entraves** – As pesquisas na área de genética médica realizadas no Instituto de Biociências e coordenadas pela professora Lavinia Schüler-Faccini já sofreram um corte de 30% do valor total dos recursos, além de outros 30% de corte nas bolsas destinadas aos pesquisadores. Embora essas reduções de verbas já viessem ocorrendo há mais tempo, segundo a professora, a novidade é que agora, além dos cortes, as instituições parecem estar usando todas as prerrogativas burocráticas para não liberar o dinheiro: “São muitos entraves que nunca existiram. Tem colegas meus que ganharam edital universal que lhes dá direito a um montante, mas esse dinheiro não é depositado. Ou seja, na prática não ganhamos”.

O laboratório de Lavinia faz parte de um grande projeto de pesquisa: o Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT), programa federal de financiamento dos melhores grupos de pesquisa em áreas de fronteira da ciência e em áreas estratégicas para o desenvolvimento do país coordenado pelo MCTIC, com recursos orçamentários do CNPq, do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio da Finep

e de outros órgãos financiadores. Mesmo com esse vínculo direto com importantes órgãos de fomento, Lavinia diz que o dinheiro ainda não foi liberado.

“Estamos vivendo de gorduras de 2015/2016 que serão suficientes apenas até o final deste ano”, argumenta. Segundo a professora, quando acabarem esses recursos – e se não vierem novos –, será necessário avaliar os projetos em andamento e decidir quais deles serão encerrados. Um que corre risco de ser interrompido ou de sofrer impactos importantes é o referente ao Zika Vírus. O trabalho do grupo de pesquisa liderado por Lavinia foi relevante para comprovar que existia uma síndrome causada pela infecção do Zika Vírus durante a gravidez.

Além disso, outra questão que preocupa a pesquisadora é a ideia que está circulando no âmbito do governo federal de privatização das universidades públicas regionais: “Se isso acontecer, a nossa situação em termos de investigação vai ficar terrível, porque estaremos preocupados em dar lucro imediato. Mas a ciência não se traduz, muitas vezes, em lucro imediato. Nossos resultados são em artigos, nas pessoas que formamos”. Lavinia destaca que a liberdade de pesquisa, própria de instituições públicas, não se conforma às limitações características

da visão comercial de lucro. Ela se preocupa com a visão de gestores que privilegiam pesquisas por seu potencial de retorno econômico. “A ciência precisa ter variabilidade de investigação, mesmo na ciência básica, que vai gerar conhecimentos que depois podem ser aplicados. É outro tipo de lucro”, pondera.

**Difícil reposição** – Pela primeira vez depois de muito tempo, os dois laboratórios de células-tronco vinculados ao Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) e coordenados pela professora Patrícia Prank deixaram de realizar seu tradicional evento de divulgação científica. A atividade ocorre a cada dois anos para mostrar à comunidade acadêmica o que vem sendo desenvolvido nos laboratórios. O objetivo é transmitir conhecimento bem como incentivar outros jovens a ingressar na pesquisa que promove a descoberta de novas estratégias de tratamento ou mesmo de cura para doenças ou lesões. “Em 2015, houve uma redução dramática de investimentos que cortou pela metade a verba para eventos em pesquisa”, justifica a professora, uma das redatoras da lei que aprovou as investigações em células-tronco no Brasil.

Mas a apreensão maior de Patrícia é quanto à manutenção dos equipamentos e à reposição dos insumos, em função dos recentes



## FINANCIAMENTO DA CIÊNCIA



A farmacêutica e bioquímica Angela Sitta (à esquerda) e a bolsista de iniciação científica Aline Kayser atuam no Laboratório de Análise de Metabólicos

*“Esse tipo de pesquisa [sobre diabetes] para nós, no Brasil, foi interrompido. Não quer dizer que o mundo não estará avançando, mas nós vamos ficar para trás.”*

**Patrícia Prank,**  
do Instituto de Ciências Básicas da Saúde

*“São muitos entraves que nunca existiram. Tem colegas meus que ganharam edital universal que lhes dá direito a um montante, mas esse dinheiro não é depositado. Ou seja, na prática não ganhamos.”*

**Lavinia Schüler-Faccini,**  
do Instituto de Biociências

cortes na pasta do MCTIC: “Quem trabalha com pesquisa com células-tronco ou biologia molecular tem uma realidade diferente da de outros projetos que não gastam tanto.” O aporte mensal com certos reagentes utilizados nesses laboratórios é de mais de R\$ 10 mil. “Os anticorpos, os meios e os corantes são caros”, explica a pesquisadora. E adverte: “Se não houver edital nos dois próximos anos, os laboratórios vão fechar”. Em 2016 já foi perceptível a redução das bolsas, carência que prejudica o andamento das pesquisas por falta de pessoal.

A situação se agrava por conta das dificuldades habituais da burocracia para o encaminhamento da manutenção dos maquinários, assim como para a importação de insumos. O tempo de espera pode ser ainda maior devido à complexidade dos equipamentos, o que pode implicar trazer profissionais do exterior para prestar assistência técnica. “A falta de incentivo à pesquisa tem uma série de bloqueios que não enxergamos. Se o Brasil fosse um país mais produtivo em todos os sentidos, inclusive na fabricação de seus próprios equipamentos, isso tudo nos beneficiaria”, argumenta.

Quanto aos projetos novos que aguardavam financiamento, como a pesquisa relacionada ao diabetes,

já aprovada no comitê de ética, Patrícia prefere não iniciá-los, porque envolvem custos elevados e, na avaliação da pesquisadora, seria problemático ter que parar mais adiante. “Vamos priorizar aqueles que estão em andamento”, explica. Por outro lado, lamenta não poder avançar em tais estudos: “Esse tipo de pesquisa para nós, no Brasil, foi interrompido. Não quer dizer que o mundo não estará avançando, mas nós vamos ficar para trás”.

**Em risco** – De acordo com a professora do Instituto de Física da UFRGS Thaisa Bergmann, se o Brasil não cumprir seus compromissos financeiros junto ao consórcio internacional de uso do telescópio Gemini Sul, localizado nos Andes chilenos, as pesquisas realizadas por mais de 300 astrônomos brasileiros sofrerão descontinuidade. O Gemini foi construído e é operado por um consórcio de sete países: Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Chile, Austrália, Brasil e Argentina. Qualquer astrônomo dos países membros pode submeter projetos para locação de tempo de uso do telescópio, o qual é partilhado entre os integrantes do coletivo de acordo com o apoio financeiro provido por cada país. Assim, o Brasil até então tinha direito a 2,31% do tempo de uso do telescópio destinado a observações científicas.

“A astronomia realizada no Brasil é igual à que é feita em todo o mundo; temos acesso aos melhores instrumentos”, afirma Thaisa, que recebeu o Prêmio L’Oréal-Unesco para Mulheres na Ciência, na edição de 2015. Sua pesquisa foi essencial para o conhecimento sobre como os buracos negros maciços se formam no centro das galáxias, fenômeno que poderia conter o segredo de uma das questões mais misteriosas da história da humanidade: como o universo se formou. Lembrando o tempo em que os astrônomos brasileiros precisavam fazer sua pós-graduação no exterior para ter acesso aos equipamentos de ponta, Thaisa lamenta a perspectiva negativa de retrocesso, o que pode representar, inclusive, um desestímulo a novos investigadores. A falta de bolsas de pós-doutorado também agrava essa situação. Thaisa é membro do comitê assessor do CNPq e relata que são mais de 150 pedidos de bolsa a cada semestre, mas a cota disponível se resume a dez: “Antes havia mais bolsas e menos pedidos”, atesta.

Nos últimos cinco anos, Thaisa foi a Brasília para pleitear a possibilidade de firmar consórcio para uso do telescópio ALMA (Atacama Large Millimeter/submillimeter Array), equipamento de última geração que estuda a radiação produzida por alguns dos objetos mais frios do universo. Essa radiação tem

um comprimento de onda da ordem do milímetro, entre o infravermelho e as ondas de rádio, e é por isso designada radiação milimétrica e submilimétrica. A colaboração global é o maior projeto astronômico terrestre em atividade. Mas esse, pelo entendimento da pesquisadora, será mais um sonho adiado.

**Sem cortes** – No mês de setembro deste ano, o Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da UFRGS foi um dos avaliados com o conceito 7 da Capes. A coordenadora do programa, Liane Tarouco, atribui essa pontuação ao trabalho de ponta realizado: “É o primeiro curso da área interdisciplinar que recebe a nota máxima. Isso acontece porque é um campo ‘patinho feio’, por juntar uma quantidade de cursos muito eclética”, conjectura. Embora as pesquisas em Informática na Educação sejam anteriores na Universidade, foi em 2002 que se criou o Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (Cinted) para abrigar o curso de pós-graduação que já existia, mas ainda não estava vinculado a nenhuma unidade. Desde então, um grande número de pesquisas vem sendo realizado, com impactos importantes na produção do conhecimento brasileiro nessa área.

Diferentemente dos demais pesquisadores entrevistados para

esta reportagem, Liane diz que o fluxo de trabalho do Cinted não tem sofrido impactos importantes. “Tanto em 2016 quanto neste ano, recebemos cerca de R\$ 100 mil de verba para apoiar as atividades dos professores e dos alunos, como ida a congressos”, ilustra a docente. De acordo com ela, também não ocorreram cortes de bolsas – o programa mantém quinze bolsas de pós-graduação e quatro de pós-doutorado. “As bolsas são do curso”, justifica. Em novembro próximo, será aberto edital para bolsa CNPq. “Estamos trabalhando a todo vapor, publicando ainda mais do que no ano passado”, afirma.

Atualmente, ela coordena o projeto Avatar, (Ambiente Virtual de Aprendizagem e Trabalho Acadêmico Remoto), que cria mundos virtuais para atividades de ensino, como laboratórios para ensino de Física. Aprovado em 2015, só recebeu as verbas em março deste ano. “Já vínhamos trabalhando com os alunos da pós, mesmo sem dinheiro”, argumenta. Hoje o projeto já tem um escâner 3D para ajudar a criar as imagens em três dimensões. Também foi adquirido um equipamento para fazer a edição dos objetos, e não faltam recursos para as bolsas. “A verba já está alocada para o projeto. O que precisamos agora é de tempo para usar os recursos”, conclui Liane.



# Prioridade é manter compromissos

Fazer escolhas. Essa tem sido uma das mais urgentes preocupações dos órgãos de fomento à pesquisa no Brasil desde o início deste ano, quando o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC) sofreu drástico corte de verbas. O presidente do CNPq, Mario Neto Borges, assim como o superintendente da Área de Fomento a Instituições de Pesquisa e Programas Descentralizados (AFIP) da Finep, Edgard Rocca, dizem haver a intenção de manter os repasses até o final do ano. Não há, porém, certeza de novos investimentos. Procurada, a assessoria de comunicação da Capes alegou não haver cortes e, por isso, não se manifestou.

## Mario Neto Borges | CNPq

**Quais foram os impactos imediatos dos cortes? Quais os reflexos na oferta de editais de apoio à pesquisa?**

O CNPq está trabalhando para que as limitações orçamentárias promovam o menor impacto possível, com especial atenção à manutenção das bolsas de pesquisa. Não houve corte nem suspensão de nenhuma modalidade. Pelo contrário, reativamos as bolsas no exterior que haviam sido suspensas em 2016 e recomparamos as cotas das bolsas de iniciação científica. Com um acréscimo orçamentário que obtivemos no final do ano passado, a partir dos recursos da repatriação, cerca de R\$ 500 milhões, conseguimos quitar algumas dívidas, como os pagamentos atrasados dos editais Universal de anos anteriores. Dessa forma, podemos ter alguma tranquilidade neste ano, mesmo com o cenário de orçamento restrito, o que permitiu que mantivéssemos os compromissos assumidos com bolsas de pesquisa. Infelizmente, com as limitações, não podemos, por ora, criar novos programas ou prever uma expansão das ações já em andamento, mas estamos, junto com o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), envidando esforços para recuperar o orçamento do CNPq e poder promover a recuperação da ciência brasileira.

**A produção científica depende de continuidade. Qual sua avaliação das perspectivas, a partir dos cortes?**

O CNPq possui alguns programas de longo prazo que estão em pleno andamento e que possibilitam essa continuidade. Destaco o Programa de Pesquisa Ecológica de Longa Duração, que completou, em 2017, 20 anos de existência e possui 33 sítios com investigações importantíssimas na área de ecologia e meio ambiente. Alguns projetos com apoio do CNPq existem desde a criação do programa, o que garante sua continuidade e tem promovido uma produção constante de trabalhos de altíssimo nível. Além dele, temos os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia – INCTs, com mais de 100 redes de pesquisa implantadas, nas mais diversas áreas. Para ambos os programas, tivemos resultados recentes de novos editais divulgados e propostas contratadas.

**Como vem sendo feita a sensibilização dos parlamentares e quais os principais entraves encontrando nesse sentido?**

O grande desafio é mostrar o quanto a ciência é importante para o desenvolvimento sustentável do país, tanto no âmbito econômico quanto nos âmbitos social e cultural. Estamos trabalhando junto ao Congresso Nacional e à sociedade para convencê-los dessa importância. Acredito que temos tido êxito e a perspectiva é que essa sensibilização reflita em um orçamento mais robusto.

**Programas como o Antártico Brasileiro (PROANTAR) estão em vias de parar suas atividades por falta de verba. O que está sendo feito nesse sentido?**

O esforço é pela recomposição orçamentária do CNPq para garantir a manutenção do apoio que compete à agência, que é de concessão de bolsas e fomento a projetos de pesquisa.

**Frente aos cortes no setor de ciência, tecnologia e inovação, qual é a prioridade?**

Honrar os compromissos já assumidos.

## Edgard Rocca | Finep

**Como a redução de 27% no orçamento da Finep para 2017 impactou no repasse de verbas para financiamento?**

“Ciência e tecnologia são o substrato de qualquer desenvolvimento econômico”. Esta frase do presidente da Finep dá a exata noção do papel fundamental que a ciência, a tecnologia e a inovação representam para o desenvolvimento econômico e social de qualquer país. E, no momento em que, fatores externos levaram a uma significativa e contínua redução do orçamento dos recursos para essas áreas, criam-se imensas dificuldades no comprometimento e na liberação de recursos dentro do cronograma inicialmente previsto, especialmente para 2017. O Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), que é a principal fonte de onde, atualmente, a Finep tira seus recursos, tanto no setor público quanto no privado, vem sendo objeto dessas restrições. Isso ocasiona a revisão, a reprogramação e, por vezes, o cancelamento de ações previstas para o exercício, na expectativa de serem resgatadas no menor tempo possível. Estamos, hoje, realizando esforços para que os orçamentos futuros possam comportar o fortalecimento dessas ações.

**Entre as demandas do Foprop (Fórum de Pró-reitores de Pesquisa e Pós-graduação), está a necessidade de garantir o apoio à pesquisa básica, que tem sofrido queda sistemática de verbas.**

O país hoje ainda ocupa a 13.<sup>a</sup> posição entre os principais geradores de conhecimento do planeta, isso graças a uma ciência forte e dinâmica. Uma redução nesses investimentos pode representar, entre outros impactos, a perda de competitividade na corrida tecnológica. Cada vez mais, o mundo não nos espera. A retomada do apoio às pesquisas básicas e aplicadas, portanto, se reveste de caráter estratégico para a consolidação do país como uma nação em desenvolvimento.

**Em que medida há equilíbrio entre as verbas destinadas às universidades e às empresas?**

Hoje, de fato, há um desequilíbrio. Percebe-se que o país não tem recursos suficientes para apoiar a pesquisa em laboratórios públicos e universidades e, em contraponto, existe bastante dinheiro disponível na Finep para apoiar empresas que queiram investir em Inovação. Essa é uma das principais razões que levaram a Finep a desenhar o programa Finep Conecta, que garantirá recursos para empresas que dediquem, no mínimo, 15% dos valores dos seus projetos para a contratação de pesquisas com as universidades e os ICTs (institutos de ciência e tecnologia). A outra razão é que a inovação no país, em que pese a posição de destaque de sua ciência, faz com que o Brasil ocupe somente a 69.<sup>a</sup> posição entre os países mais inovadores. Nesse contexto, o país não pode abrir mão de sua massa crítica, que se encontra hoje majoritariamente nas universidades e centros de pesquisa. Em colaboração com as empresas, o locus da inovação, ela pode levar o conhecimento gerado à sociedade.

**Como promover a desburocratização da compra de equipamentos?**

Temos hoje um novo Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (Lei 13.243/2016), que, no entanto, ainda não está regulamentado. Questões como essa, mas também contratações e execução orçamentária, além do regime de RH no sistema público de ciência e tecnologia, igualmente são repensadas para tornar mais simples as regras para licitações e compras, favorecer o trabalho e a remuneração de pesquisadores do setor público, tornar mais flexível a captação de recursos, além de reformular o direito de propriedade intelectual, quando envolve entes públicos e privados. Enfim, existe um caminho já trilhado no sentido de avançarmos nas questões que vêm travando a ciência, a tecnologia e a inovação no país. Resta apenas a aprovação desses avanços pelos órgãos competentes.



No Laboratório de Análise de Metabólicos, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, a bolsista de iniciação científica Aline Kayser desenvolve experimentos